

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

Sara Meri de Oliveira Siqueira

**Que corpo é esse?**

Pedagogias de uma série de vídeos na prevenção e combate às violências sexuais na infância.

Juiz de Fora

2023

**Sara Meri de Oliveira Siqueira**

**QUE CORPO É ESSE?**

Pedagogias de uma série de vídeos na prevenção e combate às violências sexuais na infância.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para a obtenção da licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Roney Polato de Castro

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Siqueira, Sara Meri de Oliveira .

QUE CORPO É ESSE? Pedagogias de uma série de vídeos na prevenção e combate às violências sexuais na infância. / Sara Meri de Oliveira Siqueira. -- 2023.

83 p. : il.

Orientador: Roney Polato de Castro  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, 2023.

1. Violência sexual. 2. Artefatos culturais. 3. Educação para a sexualidade. I. de Castro, Roney Polato , orient. II. Título.

**SARA MERI DE OLIVEIRA SIQUEIRA**

**Que corpo é esse?** Pedagogias de uma série de vídeos na prevenção e combate às violências sexuais na infância.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 13 de dezembro de 2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Titulação. Nome e sobrenome – Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Titulação. Nome e sobrenome Instituição  
Titulação. Nome e sobrenome

---

Titulação. Nome e sobrenome  
Instituição

Dedico este trabalho a todas as crianças, na esperança que possam viver em um mundo sem violências.

## **AGRADECIMENTOS**

Desejo iniciar este trabalho expressando minha intensa gratidão a todos e todas que contribuíram diretamente ou indiretamente para que esta etapa fosse concluída. Agradeço sinceramente a cada pessoa que dedicou seu apoio, tempo e conhecimento.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui e sempre estar comigo, independentemente das circunstâncias.

À minha família e amigos/as próximos/as, pela compreensão, por acreditarem que era possível e por me encorajarem. À minha mãe Miranda, por mover tudo ao seu alcance para que esse percurso pudesse acontecer. Ao meu noivo Jonas, por dividir horas de estudo comigo, por sempre estar disposto a ler/reler este trabalho e por nossa amizade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Roney Polato de Castro, por despertar em mim, ainda mais, a paixão pelas relações de gênero e sexualidade. Por sua paciência, sabedoria e empatia nos momentos aflitivos. Agradeço por cada elogio e principalmente as mediações que me permitiram evoluir como estudante e ser humano.

À docente Adriana Aparecida da Silva, que motivou minha esperança em meio à frieza humana. Obrigada pelo abraço! Obrigada por não desistir de mim!

Ao Prof. Dr. Paulo Henrique Dias Menezes, que me encorajou a não desistir do tema, já que, por mais sensível que seja ir adiante é o caminho, pois possui uma importância.

Às minhas colegas de turma, que me acolheram e foram minha família. Agradeço por tornarem a trajetória mais leve, pelos ensinamentos compartilhados, pela comunhão e parceria.

Aos criadores da série ‘Que corpo é esse’, que ao dividir com o mundo seu projeto me possibilitaram desfrutar, pesquisar e evoluir.

Enfim, graças a essas pessoas, hoje posso compartilhar com orgulho e gratidão esse trabalho. Todos foram primordiais para que este trabalho acontecesse. Obrigado!

## RESUMO

Na sociedade contemporânea, a compreensão da educação está em constante evolução, o que nos permite examinar de perto os artefatos culturais e suas abordagens pedagógicas. Esta pesquisa se concentrou na análise da série de vídeos intitulada ‘Que corpo é esse?’, que aborda questões relacionadas à violência sexual contra crianças no Brasil. O desejo em pesquisar a temática surge com o propósito de auxiliar na prevenção e/ou favorecer subsídios que contribuam para o enfrentamento da violência sexual infantil. Para isto, como metodologia, foi empregada a perspectiva netnográfica desenvolvida por Kozinets (1997), para examinar o papel da série de vídeos na educação para sexualidade e sua contribuição para a prevenção e combate à violência sexual. A série de vídeos foi lançada entre 2018 e 2021 como parte do projeto ‘Crescer sem violência’, uma parceria entre a Childhood Brasil e o Unicef, visando disseminar informações para enfrentar a violência contra crianças e adolescentes. A animação narra a história da família Vila César, uma família tipicamente brasileira, abordando questões relacionadas ao corpo e experiências sexuais em diferentes fases da vida cotidiana. Através da seleção de episódios específicos que abordam termos-chave como ‘violência sexual’, ‘abuso sexual’, ‘prevenção’ e ‘educação’, foi concluído que a série utiliza uma linguagem acessível e explora situações cotidianas para educar o público, enfatizando a importância do diálogo e da orientação para ensinar as crianças e adolescentes a conhecerem seus corpos e se protegerem contra a violência.

**Palavras-chave:** Violência sexual; Pedagogias/ Artefatos culturais; Educação para a sexualidade.

## **ABSTRACT**

In contemporary society, the understanding of education is constantly evolving, which allows us to closely examine cultural artifacts and their pedagogical approaches. This research focused on analyzing the video series entitled 'What body is this?', which addresses issues related to sexual violence against children in Brazil. The desire to research this topic arises with the purpose of assisting in prevention and/or providing subsidies that contribute to addressing child sexual violence. For this, as a methodology, the netnographic perspective developed by Kozinets (1997) was employed to examine the role of the video series in sexuality education and its contribution to the prevention and combat of sexual violence. The video series was launched between 2018 and 2021 as part of the 'Growing Up Without Violence' project, a partnership between Childhood Brazil and UNICEF, aiming to disseminate information to address violence against children and adolescents. The animation tells the story of the Vila César family, a typical Brazilian family, addressing issues related to the body and sexual experiences in different phases of everyday life. Through the selection of specific episodes that address key terms such as 'sexual violence', 'sexual abuse', 'prevention', and 'education', it was concluded that the series uses accessible language and explores everyday situations to educate the audience, emphasizing the importance of dialogue and guidance to teach children and adolescents to know their bodies and protect themselves against violence.

**Keywords:** Violence sexual; Cultural/artifacts pedagogies; Sexuality education

## SUMÁRIO

|              |  |           |
|--------------|--|-----------|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>2</b>     | <b>CAMINHOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO .....</b>  | <b>15</b> |
| <b>3</b>     | <b>ANÁLISES SOBRE O ARTEFATO EDUCATIVO 'QUE CORPO É ESSE?' NA<br/>PREVENÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS SEXUAIS NA INFÂNCIA.....</b> | <b>25</b> |
| <b>3.1</b>   | <b>Primeira temporada- Episódio 1: eu tenho um corpo.....</b>  | <b>26</b> |
| <b>3.2</b>   | <b>Primeira temporada - Episódio 2: Privado e público.....</b>   | <b>29</b> |
| <b>3.3</b>   | <b>Primeira temporada – Episódio 4: O direito de dizer não.....</b>  | <b>32</b> |
| <b>3.4</b>   | <b>Primeira temporada- Episódio 6: Internet e mídia.....</b>   | <b>36</b> |
| <b>3.5</b>   | <b>Primeira temporada- Episódio 9: Meu corpo, minhas regras.....</b>   | <b>43</b> |
| <b>3.6</b>   | <b>Primeira temporada - Episódio 11: Amores e relações abusivas.....</b>   | <b>48</b> |
| <b>3.7</b>   | <b>Segunda temporada- Episódio 1: Sharenting.....</b>  | <b>56</b> |
| <b>3.8</b>   | <b>Segunda temporada- Episódio 6: Aliciamento de crianças e autoproteção.....</b>                                      | <b>61</b> |
| <b>3.9</b>   | <b>Terceira temporada - Episódio 4: O perigo das palmadas.....</b>   | <b>67</b> |
| <b>3.9.1</b> | <b>Terceira temporada- Episódio 5: Uma aldeia para criar uma criança.....</b>  | <b>71</b> |
| <b>4</b>     | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>74</b> |
|              | <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>76</b> |

## 1 - INTRODUÇÃO

Este estudo teve por objetivo analisar as pedagogias de uma série de vídeos na prevenção e combate às violências sexuais na infância, a partir da série ‘Que corpo é esse?’ (2018- 2021) do Canal Futura. Assim, o estudo aposta nos vídeos que compõem a série como produtos culturais pedagógicos, que ensinam modos de lidar com os corpos e de viver as sexualidades na infância.

A produção do saber se encontra disseminada, o conhecimento é propagado, mesmo que não esteja sendo concebido dentro do ambiente convencional, como por exemplo, as instituições educativas. Nesse cenário percebe-se que as pedagogias culturais estão ali inseridas e em circulação. Essa concepção está de acordo com a contribuição de Henry Giroux e Peter McLaren (apud ANDRADE; COSTA, 2015, p. 845) os quais abordam que “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades”. Logo, isto aponta que a sociedade contemporânea está envolta em conhecimentos produzidos por abundantes instrumentos, ainda mais pelo decorrer do avanço tecnológico que direcionam o saber para o seu público, abrangendo o indivíduo em sua totalidade.

Accorsi, Baliscei e Takara (2021) definem que

O conceito de Pedagogias Culturais sublinha que os processos educativos não são exclusivos aos espaços e às intervenções escolares; são também exercidos por artefatos, práticas e costumes realizados em âmbito cultural. Portanto, [...] maximiza a ideia de “pedagogias” e contempla que imagens, anúncios publicitários, desenhos animados, brinquedos, materiais escolares, filmes, séries, novelas, jogos, bandas, cartazes, outdoors e a moda, por exemplo, são, também, referências a partir das quais os sujeitos formulam significados acerca do mundo e de si mesmos. (ACCORSI; BALISCEI; TAKARA, 2021, p. 16).

Isto significa que as pedagogias culturais são meios que educam, produzem significados e não estão apenas dentro das escolas, mas estão circulando na cultura. Andrade e Costa (2015) também explicitam

Diversificados espaços e artefatos culturais estão hoje implicados tanto nas formas como as pessoas pensam e agem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca, como nas escolhas que fazem e nas maneiras como organizam

suas vidas. Nas complexas sociedades do mundo globalizado, pedagogias são praticadas também por jornais, programas de TV, peças publicitárias, filmes, revistas, sites e inúmeros outros artefatos que atravessam a vida contemporânea. (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 845).

Por isso, a pedagogia não está encerrada apenas nas escolas, mas Andrade e Costa (2015, p. 845) explicitam que “A pedagogia não é, então, privativa das práticas escolares, religiosas e familiares. Há hoje uma proliferação e pluralização das pedagogias, expressão de um refinamento das artes de governar, regular e conduzir sujeitos”. Diante disso, os artefatos culturais estão repletos de pedagogias, sejam desenhos, filmes, músicas, jogos, etc. Todos exercem um papel na constituição dos sujeitos.

Posto isto, foi escolhido como objeto de investigação a série ‘Que corpo é esse?’ (2018- 2021), do Canal Futura, que faz parte do projeto Crescer sem violência, em parceria com Childhood Brasil e o UNICEF. O projeto busca a prevenção às violências contra o público infanto-juvenil e possui como objetivo, citado por Futura (2018, p. 1) “disseminar informações de qualidade e metodologias para enfrentamento deste tema de modo informativo, atraente e sem expor crianças e adolescentes.”. Além disso, o projeto tem como programas as animações ‘Que corpo é esse?’ (2018/2021), ‘Que abuso é esse?’ (2015) e ‘Que exploração é essa?’ (2010). A série trata questões referentes ao corpo, diálogo e respeito, havendo em vista a educação para sexualidade como forte auxiliadora na prevenção à violência sexual contra crianças e adolescentes.

A série ‘Que corpo é esse?’ é uma produção audiovisual do Canal Futura estreada em 2018. Ela é organizada em três microsséries, em que os episódios são estruturados por fases da vida, sendo a infância, pré-adolescência e adolescência. A animação conta a história de uma família tipicamente brasileira, os ‘Vila César’, que na vivência do cotidiano com seus/suas cinco filhos e filhas, refletem sobre o corpo e experiências de sexualidades em cada etapa da vida. A série aborda temas como homofobia, o direito de dizer não, aliciamento de crianças e traz o debate dos direitos sexuais e autoproteção (FUTURA, 2018). A animação possui na primeira microssérie 15 episódios, sendo os 3 últimos um bate-papo com estudiosos/profissionais do tema, ou seja, são apresentados convidados em um bate-papo em que abordam assuntos acerca da sexualidade. Já na segunda, são 12 episódios e nos 3 últimos se repete o bate-papo; o mesmo acontece com a terceira temporada, sendo 6 episódios e o

último um ‘minidocumentário’, no qual especialistas dialogam sobre parentalidade positiva e prevenção à violência contra as crianças.

O interesse pelo tema esteve presente desde antes da entrada na minha vida acadêmica, uma vez que a violência foi existente na minha infância e, a partir daí fertilizou o desejo de perceber sinais, ajudar na prevenção ou proporcionar conhecimento, a fim de auxiliar na luta contra a violência sexual infantil. Logo, quando cheguei à incógnita “Qual meu tema de interesse para pesquisa?”, lembrei do desejo enraizado em mim. Todavia, o medo de falar de um assunto delicado e a falta de segurança de não encontrar alguém para me orientar, por ser um assunto que até aquele período nunca havia sido discutido no curso de Pedagogia, me fizeram questionar se eu deveria seguir com a proposta. Contudo, mesmo sendo uma tônica pouco discutida no cenário acadêmico, ela é relevante em todo meio social. Logo, compreendi que a produção deste trabalho na educação ocupa sua relevância, já que visibiliza um assunto pouco discutido e que necessita ser desenvolvido como potencial de auxílio aos/às docentes em suas práticas pedagógicas, tornando a escola e os/as docentes participantes do processo parte de uma educação para sexualidade que vise o bem-estar das crianças e adolescentes. Além disso, promove o incentivo aos demais para pesquisa do tema tendo em vista o aumento de pesquisas, informações e referências da temática.

Aliás, para que eu pudesse desenvolver a pesquisa, houveram outros pesquisadores que discorreram sobre o tema. Dessa forma, é necessário confirmar a importância da pesquisa em educação para a sexualidade na prevenção e combate à violência sexual na área de educação, já que a sexualidade é parte do indivíduo e a educação faz parte da vida de crianças, jovens, adultos, idosos que vão chegar com essa temática no ambiente escolar, e mesmo que não chegue diretamente, por meio da pesquisa, o/a docente terá ciência de como a educação para a sexualidade pode auxiliar estes/as estudantes na prevenção. Não somente, é essencial que haja docentes pesquisadores/as para a temática, porque como a violência sexual é um tabu, produzir pesquisas é produzir conhecimentos para subsidiar a rede de apoio, seja ela familiar ou não, que terá contato com crianças e adolescentes, os/as quais merecem uma educação para a sexualidade, apresentando formas diversas de se proporcionar, como a série aqui analisada, ‘Que corpo é esse?’, como produtora de educação.

Depois de aprender novas perspectivas sobre o tema e conhecer sobre as pedagogias culturais, perguntei-me como princípio de pesquisa, ou seja, qual era o meu desejo ao conduzir o estudo. Assim, cheguei à seguinte questão: Quais as pedagogias circulam nos

artefatos culturais que podem educar e/ou auxiliar na prevenção às violências sexuais?. O tema proposto colocou em evidência questões da sexualidade e educação, as quais se tornaram indispensáveis para discutir os dados informados na cartilha do maio laranja no Brasil (2021), mês destinado ao combate à violência sexual contra crianças e adolescentes. Os dados notificam o registro de mais de 200 mil casos de violência sexual contra crianças e adolescentes entre 2011 a 2019, de acordo com o disque 100. Além disso, na cartilha, citado por Azevedo e Guerra (2021),  $\frac{1}{3}$  das notificações de violência/abuso sexual na infância as vítimas possuem idade igual ou inferior a cinco anos de idade e 85% a 90% dos agressores são pessoas conhecidas. Para mais, é apresentada que a violência sexual é a quarta maior denúncia persistente do disque 100 e que 69% dos casos de violência contra as crianças e os adolescentes são regulares. (BRASIL, 2021)

Perante o exposto, a realidade sobre a violência sexual infantil na sociedade brasileira é um gerador de impactos. Segundo Piana e Bezerra (2019)

A violência sexual pode ser acompanhada pelos outros tipos de violência: física, psicológica ou negligência, visto que esta violação perpassa por todas as outras. A criança é ameaçada, sofrendo todo tipo de pressão psicológica possível: ameaça contra sua vida, contra alguém que ama, de ter que sair de casa, ficar sozinha. Pode vir acompanhada de agressão física, por não querer fazer algo que seu agressor lhe obriga ou mesmo por resistir e tentar se desvencilhar do abuso. É negligenciada pelo adulto que comete o ato, por alguém que tem conhecimento do mesmo e não denuncia, pelo Estado que não oferece uma política de atendimento adequada. (PIANA; BEZERRA, 2019, p. 204).

A partir dos dados é possível observar que a violência está presente na infância de muitas crianças e adolescentes, inclusive dentro do seu próprio lar, deixando, como uma violência, marcas e traumas. O medo, o isolamento social, depressão, ansiedade, sentimentos de rejeição e outros, são exemplos que podem ser desencadeados por causa da violência sexual. Dessa forma, toda uma sociedade é impactada. Florentino (2015, p. 140) destaca que são apontados por vários estudos os danos da violência sexual contra as crianças e adolescentes, “deixando marcas – físicas, psíquicas, sociais, sexuais, entre outras – que poderão comprometer seriamente a vida da vítima (criança ou adolescente) que passou por determinada violência.”. Freitas e Farinelli (2016, p. 278-281) trazem como exemplo de consequências psíquicas, a depressão, transtorno de estresse pós-traumático, retraimento social, dificuldade de manter um relacionamento amoroso e disfunção sexual. Posto isso, as

violências sexuais na infância necessitam ser discutidas, a fim de serem assegurados os direitos das crianças e adolescentes. Dar a oportunidade às crianças e adolescentes de uma educação para a sexualidade, é proporcionar a oportunidade de prevenção à violência, já que eles aprendem a reconhecer comportamentos abusivos, desrespeitosos, buscar um diálogo aberto com alguém de confiança e etc.

A vista disso, educação para a sexualidade pode ser um meio de auxiliar na prevenção a violência. Na sociedade contemporânea, com a ascensão das tecnologias de informação e comunicação, a mídia tornou-se presente no cotidiano da sociedade, sendo assim, o que circula nos artefatos midiáticos, alcançam o comunitário com suas influências, valores e condutas. Como argumenta Paula Andrade (2017),

Os artefatos culturais midiáticos não apenas colocam em circulação saberes referentes a vários domínios da vida cotidiana. Eles produzem saberes, produzem condutas e práticas. Possuem capacidade de modelar nosso olhar e colaboram para a produção de nossas subjetividades a partir de determinados interesses em voga no tempo presente. (ANDRADE, 2017, p. 14).

Deste modo, as análises deste estudo foram constituídas a partir do campo cultural midiático, tendo em consideração que este produz influência expressiva na “capacidade de modelar o olhar” das massas (ANDRADE, 2017), pois, além de ser um campo cultural que atua na produção da subjetividade, por conta da expressividade midiática os indivíduos possuem acesso ao conhecimento e se apropriam dele.

Assim sendo, este trabalho teve como objetivo analisar as pedagogias culturais dos vídeos da série ‘Que corpo é esse’, do Canal Futura, como forma de prevenção e combate às violências sexuais contra crianças. Atenta-se para como está organizada a monografia. A monografia foi composta por quatro seções, sendo a introdução aqui referida, os caminhos metodológicos do estudo, Análises sobre o artefato educativo ‘Que corpo é esse?’ na prevenção às violências sexuais na infância” e as “Considerações finais”. Na seção, “Os caminhos metodológicos do estudo”, ficou exposto todo caminho conduzido para a construção da pesquisa, relatando a metodologia, usos de estratégias, organização e outros. E, na seção “Análises sobre o artefato educativo ‘Que corpo é esse?’ na prevenção às violências sexuais na infância”, é composta pelo estudo dos episódios pré-escolhidos para abordar a educação para a sexualidade e prevenção às violências sexuais. Por último, as “Considerações finais” trazem as reflexões finais do trabalho.

## 2 - CAMINHOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

Quando pensava na história da violência sexual contra crianças no Brasil, deparei-me com o argumento de Bezerra e Piana (2019, p. 7): o Brasil é “Um país que tem a marca da violência em seu cerne e que revela que a história da infância e adolescência também foi perpassada por esta.”.

Este capítulo apresenta a trajetória metodológica adotada para a realização do estudo, utilizando a inspiração na abordagem Netnográfica de (Robert) Kozinets (1997) como método de pesquisa e a inspiração nos estudos foucaultianos do discurso. O estudo teve como objetivo analisar as pedagogias culturais dos vídeos da série ‘Que corpo é esse’, do Canal Futura, como forma de prevenção e combate às violências sexuais contra crianças. Segundo Kozinets (1997, p. 2), “A ‘Netnografia’, ou etnografia na Internet, é uma nova metodologia de pesquisa qualitativa que adapta técnicas de pesquisa etnográfica ao estudo de culturas e comunidades emergentes por meio de comunicações mediadas por computador.” (KOZINETS, 1997, p. 2). Dessa forma, compreendendo a cultura como educadora e influenciadora das massas (ANDRADE, 2017), a Netnografia adapta-se como potencialidade e permite investigar o campo dos artefatos culturais midiáticos.

Ao traçar o caminho metodológico da pesquisa, em um primeiro momento, foi necessário o estudar. O processo de me aproximar do tema, compenetrar, foi um momento de despir do que sabia para olhar com curiosidade o objeto da pesquisa. E, para isso, dediquei-me a estudar acerca dos temas centrais que me amparariam, futuramente, na análise dos vídeos. Após isto, se deu à construção da fundamentação teórica que foi desenvolvida a partir dos estudos do tema.

Como dito anteriormente, o artefato proposto para a investigação neste trabalho foi a série “Que corpo é esse?”. Para a escolha da animação, a princípio, eu conheci o projeto em sua totalidade, assisti às três séries que o compõem, sem ter um olhar puramente investigativo, pois, antes de tudo, o desejo era conhecer e observar as possibilidades que as animações poderiam apresentar. Logo, após a construção da fundamentação teórica, a escolha se findou na produção ‘Que corpo é esse?’, já que o cenário familiar retratado na animação chamou atenção por ser um contexto que aproxima o público, além das temáticas presentes em cada episódio no decorrer do programa.

Pois bem, antes de me posicionar para assistir a série foi necessário ter acesso a ela. A estratégia para ter acesso ao campo investigativo foi utilizar o meio digital onde a série estava presente. Para encontrar informações do projeto, assim como do programa, verifiquei que ambos estão disponíveis no site do Futura. Todavia, o site carrega os episódios para outra plataforma, denominada ‘Globoplay’, um *streaming* é pago, ou seja, para consumir seu conteúdo é necessário pagar uma assinatura de determinado valor. Diante disso, busquei alternativas de fácil acesso para o campo investigativo, tanto para mim e também pensando no público, pois ter o conteúdo de forma gratuita pode alcançar mais pessoas. Em consideração a isso, procurei na plataforma YouTube. O YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos, nele estão registrados canais que compartilham conteúdo para seus/suas público-alvo. Além disso, dentro da plataforma dispõe-se de uma barra de pesquisa, em que é possível, por meio de palavras-chave ou título, encontrar o que o sujeito almeja. Então, esse foi o meio que utilizei para ter acesso à produção audiovisual: escrevi na barra de pesquisa o nome da animação e obtive acesso à série por meio de dois canais, o Canal Futura e Childhood Brasil. Estando ciente de que na internet as informações são instáveis, isto é, em um momento estão disponíveis e em outro não, optei por garantir o acesso realizando o *download* da série em um pen drive, como estratégia para então conseguir investigar a produção sem correr o risco de perder o material.

A série ‘Que Corpo é esse?’ se caracteriza uma produção audiovisual, em outros termos, é uma junção entre imagem e som. Santos (2021, p. 19) aponta que “O vídeo se torna um instrumento potente na medida em que apresenta imagens atreladas às falas, pois elas apresentam representações, constroem significados e reforçam discursos.”. A fim de observar as representações, os significados e discursos nesse artefato midiático, me posicionei diante dele com o olhar minucioso e com o anseio de identificar como a produção poderia atuar exercendo uma educação para a sexualidade, atentando para as pedagogias que estavam em circulação, como essas pedagogias educam, se existe uma educação para prevenção e combate da violência sexual contra crianças, como também, me atentei à linguagem e à aparência dos/as personagens, com interesse de observar a representatividade presente nos vídeos. Para esse propósito, me situei defronte do artefato com o olhar diferente do dia-a-dia, pois o objetivo era construir um olhar investigativo, diferente de quando se busca entretenimento, em que o objetivo é apenas consumir o conteúdo.

Desta forma, para a produção de dados iniciei assistindo a série toda novamente. Diante disso, abri outro documento no computador e utilizei um caderno com intuito de registrar toda a informação que julgasse essencial, como as fontes de onde assistir, sinopse da série e também dos episódios, os personagens do grupo familiar, quantos episódios, o nome de cada episódio, a sua duração, palavras-chave em cada capítulo, pedagogias nas falas e aspectos observados visualmente e as visualizações da animação.

Após analisar os dados, observei que a série possui um número significativo de episódios, sendo 15 na primeira temporada, 12 na segunda e 6 na terceira. Com base nessa informação, decidi selecionar para análise os episódios que abordam a temática do meu trabalho. Para isso, utilizei as sinopses e palavras-chaves previamente separadas, buscando por títulos relacionados a temas como violência, violência sexual, abuso sexual e prevenção.

Abaixo, apresento os quadros que criei para registrar as observações dos episódios selecionados, utilizando a plataforma do YouTube como fonte de análise.

**Quadro 1: Primeira temporada disponível no canal Childhood Brasil**

| <b>Episódio</b>   | <b>Sinopse</b>   | <b>Palavras-Chave</b>           | <b>Pedagogias na fala</b>  | <b>Pedagogias Visuais</b>   | <b>Visualizações</b> |
|-------------------|--|---------------------------------|--|---|----------------------|
| Eu tenho um corpo | Ariel e Dandara descobrem que possuem partes do corpo diferentes | Pepeca (7), Pipi (8), Banho (5) | Papai, por que o Ariel tem pipi?<br>As pessoas nascem diferentes, filhinha, umas com pipi e outras com pepeca.<br>Epa, Epa deixa o pipi do seu irmãozinho aí quietinho!<br>Cada pessoa cuida do seu próprio pipi ou pepeca. Como o Ariel é bebê, eu que tô lavando o pipi dele. Mas, você não é crescidinha já?<br>Então, você já pode lavar sua pepeca sozinha. Não precisa da ajuda de ninguém, né?<br>Outras pessoas só podem mexer no pipi ou na pepeca pra cuidar, se estiver dodói, para limpar, depois de fazer xixi, cocô ou na hora do banho, como eu estou | Mãe vai trabalhar, pai cuida das crianças.<br>Pai dá banho nos dois.<br>Banho dos irmãos juntos (ariel-dandara)<br>Nudez.<br>Olhar de curiosidade para o pipi do irmão.<br>Amamentação. | 62 Mil               |

|                           |  |  |  |   |        |
|---------------------------|--|--|--|---|--------|
|                           |  |  | fazendo com o Ariel agora.   |   |        |
| Privado e público         | Dandara tem curiosidade sobre seu corpo e os corpos de seus irmãos. Sua mãe ensina sobre o momento de privacidade.   | Peladinho (10), Pepeca (4), Pelada (5), Pipi (2), Seguro (3) | <p>“Ficar pelada aqui em casa, perto da gente e dos seus irmãos, não tem problema nenhum. Mas, não é legal que você fique pelada em outros lugares ou com pessoas estranhas. Porque não é seguro.”</p> <p>“Elas podem desrespeitar você.”</p> <p>“Sempre que alguma coisa/ pessoa te desrespeitar você vem falar com a mamãe e papai.”</p> <p>“Todo mundo pode mexer na sua própria pepeca ou pipi são as partes íntimas aqueles lugares que só você pode cuidar.”</p> | Nudez. Olhar de preocupação dos Pais. Abaixa a roupa da irmã que responde corporalmente com <i>não pode!</i> Mexendo na pepeca “publicamente” | 26 Mil |
| O direito de dizer não.   | Após receber uma visita que gosta de abraços e beijos, o que desagrada às crianças. Todos refletem juntos sobre o direito de dizer não, bem como os toques que são ou não adequados. | Não (9), Tudo bem (2), Beijo (7)                             | <p>“A titia adora beijar e abraçar, mas se você não gosta tudo bem.”</p> <p>“Você sempre pode dizer não... Principalmente se alguém quer mexer nas suas partes íntimas.”</p> <p>“Se a pessoa insistir, ela está errada.”</p> <p>“E aí você fala comigo ou com o seu pai, ou com um adulto de confiança que nem a professora.”</p>  | Menino e Menina lavando louça. Olhar de medo. Não gostar de abraços e beijos. O corpo fala por sinais que o que não quer.                     | 19 Mil |
| Internet e mídia.         | Kauã tem um relacionamento online, Chris o ajuda e ele se sente confortável para buscar apoio.   | Online (2), Jogo (3), Foto pelado (a) (4)                    | <p>“Conversando com uma menina que conheci no jogo.”</p> <p>“Groming: Adulto finge ser gente da sua idade e aí se aproxima e pede sexting: pedir foto pelado, “nude”.</p> <p>“As fotos vazam na internet.”</p> <p>“Se ela quiser te encontrar escondido, você não vai.”</p>  | Criança no computador até tarde sozinha (2am). Fica sem graça ao falar sobre relacionamento. Conversando com o responsável sem esconder.      | 15 Mil |
| Meu corpo, minhas regras. | Em conversa com a amiga  | Transar (3), Primeira vez                                    | “Ele tá insistindo.”   | Aquiles cuidando das crianças (é  | 15 Mil |

|                            |   |  |   |   |         |
|----------------------------|---|--|---|---|---------|
|                            | Chris conta que está apreensiva sobre a primeira relação sexual com o namorado.                   | (2), Pressão (2), Pronta (3), Sexo (1)               | “Não tem nada a ver de namorar homem ou mulher, ele não pode ficar insistindo desse jeito.”<br>“A gente tem que transar quando tá pronta.”<br>“Na escola a galera só ficam falando sobre transar, eu fico mó mal de parecer de fora disso.”   | “normal” a gente ver a mãe cuidando das crianças, mas na série o Aquiles cuida bastante do neném);<br>Esmalte (menina)<br>Arrumar pra sair;<br>Camisinha (escondida); |         |
| Amores e relações abusivas | Após Chris terminar o namoro, ela e sua amiga discutem sobre relacionamentos abusivos e machismo. | Camisinha (6), Transar (5), Respeita (3), Ciúmes (2) | “Nunca queria usar camisinha.”<br>“O que tem transar sem camisinha?”<br>“Às vezes não dá vontade de transar, mas eu transo para agradar.”<br>“Normal homem ter ciúmes e não querer usar camisinha.”<br>“Quem se recusa a usar camisinha, não te respeita.”<br>“Meus amigos começaram a me zuar, falar que eu sou bundão e não apito em nada e que eu tinha que arrumar outras minas.” | Negando o uso do preservativo.<br><br>Agarrando a namorada por ciúmes.<br>Pressão para o comportamento masculino  | 8,1 Mil |

### Quadro 2: Segunda temporada disponível no Canal Futura

| Episódio   | Sinopse  | Palavras-Chave                    | Pedagogias na fala  | Pedagogias Visuais   | Visualizações |
|------------|--|-----------------------------------|---|--|---------------|
| Sharenting | Aquiles, após o sucesso de Ariel na internet, deseja filmá-lo mais vezes, mas Ariel não está confortável com isso. | Gostando (2), Vídeo (3), Foto (3) | “Mostrar pro mundo todo.”<br>“Mas, o Ariel não está gostando não. Olha como ele está desconfortável.”<br>“As crianças tem o direito à privacidade e não é porque são pequenos que os adultos podem ficar postando fotos e vídeos deles sem que eles queiram.”<br>“Adultos tem responsabilidade de respeitar as crianças e não importa a idade delas.” | Celular, rede social como instrumento de exibição do corpo das crianças em busca de <i>Likes</i> .<br>Ariel reage corporalmente não gostando e Tainá percebe pela linguagem corporal que Ariel não está gostando.<br>Movimento de respeito em não pegar o celular. | 1,2 Mil       |

|  |   |  |   |  |       |
|--|---|--|---|--|-------|
| Aliciamento de crianças e autoproteção | Em busca de novos seguidores Thainá ganha muitos seguidores desconhecidos. Sua mãe ajuda a se proteger do aliciamento infantil. | Canal (3),<br>Fotos (3),<br>Curtidas (1) | <p>“Comecei a postar foto daquelas dancinhas, eu ganhei vários seguidores.”</p> <p>“Nossa até gente que eu não conheço está me seguindo. Que bom!”</p> <p>“Você precisa estar atenta ao que posta e principalmente pra quem posta.”</p> <p>“Mas, eu vou ter que ficar me censurando por causa dos outros?”</p> <p>“Você tem o direito de postar o que quiser, contanto que proteja sua imagem e seus dados pessoais.”</p> | Redes sociais e as famosas curtidas.<br>Felicidade por ter seguidores, “famosa”.<br>Mãe estava monitorando a rede social da filha.<br>Ferramentas para proteção. | 1 Mil |
|--|---|--|---|--|-------|

### Quadro 3: Terceira temporada disponível no Canal Futura

| Episódio              | Sinopse   | Palavras-Chave                            | Pedagogias na fala  | Pedagogias Visuais                       | Visualizações |
|-----------------------|---|---|---|--|---------------|
| O perigo das palmadas | A amiga de Helena sugere uma punição física para corrigir Dandara. Helena explica o mal da violência na criação das crianças. | Violência (8)<br>Palmada (5)<br>Crime (2) | <p>“Mas, nada que uma boa palmada não resolva.”</p> <p>“Palmada? Jamais.”</p> <p>“Qualquer tipo de violência física, tanto um beliscão, uma chinelada ou uma surra de cinto, causa impacto na criança e afeta diretamente no seu desenvolvimento. E, não é só a violência física que é perigosa, a violência psicológica, como: ameaças, humilhações e gritos também causam efeitos muito prejudiciais.”</p> <p>“Olha eu apanhei quando criança e hoje em dia estou ótima.”</p> <p>“Violência gera mais violência.”</p> | Susto ao ouvir que “palmadas” funcionam. | 989 Mil       |

|                                    |   |               |   |   |        |
|------------------------------------|---|---------------|---|---|--------|
| Uma aldeia para criar uma criança. | Ariel fica com febre na escola e Helena vai busca-lo. Em casa o médico orienta os pais e as crianças. | Violência (1) | “Quando houver qualquer suspeita de violência, vocês crianças devem sempre comunicar um adulto de confiança e ele deve informar algum canal de denúncia.” | Pede licença para cuidar do bebê.<br>Existe uma amizade das crianças com o médico (comprimento de amigos) | 32 Mil |
|------------------------------------|---|---------------|---|---|--------|

Assisti a série pela terceira vez buscando conhecer melhor os personagens. Assim, me perguntei: Quem são eles? Quais seus nomes? Quais são as faixas etárias? Como são suas aparências? Logo, atentei para tais observações e conheci a família Vila César, que é constituída por sete integrantes, sendo o casal Helena e Aquiles que estão na segunda união. Helena e Aquiles possuem filhos de outra relação, sendo assim, os gêmeos Thainá e Kauã são filhos de Helena e Chris, filha de Aquiles. Ademais, o casal teve juntos outros dois filhos que são Ariel e Dandara.

Figura 1: Integrantes da família Vila César



Fonte: Adaptado de Futura (2021).

Ao observar a série em busca de aprofundar o conhecimento sobre os personagens, fui juntando informações. Helena é uma mulher negra, alta, aparece sempre de turbante colorido, sobrancelhas finas, utiliza maquiagem, como exemplo o batom roxo e o delineado. Usa um

vestido verde, uma echarpe roxa no pescoço e botas brancas. Além disso, percebi, no papel da personagem, que ela busca o diálogo, busca instruir, encorajar, ser uma amiga. Já Aquiles é um homem branco, alto, cabelos curtos e ruivos, possui barba, sobrancelhas grossas, veste uma blusa cinza, usa uma bermuda xadrez laranja combinando com suas meias xadrez, tênis preto e possui pelos nos braços e pernas. Enquanto observava o personagem, identifiquei que Aquiles é o responsável por cuidar da casa e das crianças, já que Helena trabalha fora é a responsável pela renda familiar.

Ademais, notei que as crianças são apresentadas na série por etapas da vida, pois grande parte dos episódios a abertura é feita por dupla, exemplo Dandara e Ariel ou Thainá e Kauã. Além disso, os aspectos físicos dos personagens demarcam as características das faixas etárias, os temas propostos por cada episódio, como o episódio 7 – ‘Corpo em mutação’ – que aborda a puberdade de Thainá e Kauã. Dandara e Ariel estão na infância, Dandara é uma menina negra, sobrancelha fina, cabelos lilás presos, blusa amarela com bolinhas brancas, bermuda branca com listras, meias brancas e tênis preto. Ariel ainda é mais novo que Dandara, ele é um bebê branco com um único fio de cabelo roxo, possui apenas um dente na frente e só aparece usando fralda. Também percebi que Thainá e Kauã estão na etapa da pré-adolescência/adolescência, sendo Kauã um menino negro, sobrancelhas grossas, cabelos azuis escuros crespos, camisa com gola laranja, bermuda bege, meia e tênis preto e verde. Thainá é uma menina negra de cabelos crespos azuis presos em dois coques em cada lado da cabeça, sobrancelha grossa, usa uma blusa branca e verde, um colar cor de ouro, *short* rosa e meias brancas com tênis preto e verde. Chris é branca e a mais velha, já na fase da adolescência/juventude, e é bissexual. Essa informação aparece na série no episódio ‘Meu corpo, minhas regras’, no qual Chris, em diálogo com sua amiga, relembra que não sofria tanta pressão com a sua ex-namorada Maiara. Chris tem cabelos curtos até os ombros, cor de rosa com pontas roxeadas, usa batom roxo como Helena, blusa listrada preta e branca, uma saia calça com marmorizado amarelo e botas pretas.

Ao conhecer o seio familiar, anotei aspectos que considerei importantes para a pesquisa e que me chamaram atenção no momento da observação. Notei que a família possui diferenças do padrão esperado, Helena e Aquiles não estão na primeira união, ambos possuem enteados e com uma boa relação. Aquiles é quem cuida da casa e das crianças, sendo a Helena a figura que provê o sustento. Também pude observar e anotar que são as meninas mais velhas que utilizam maquiagem (Chris e Helena) e que Chris é bissexual. Há representatividade

racial, Aquiles, Ariel e Chris são brancos, mas também Helena, Dandara, Thainá e Kauã são negros e com os cabelos crespos.

Após isso, iniciei o processo que se perdurou por todo mês de fevereiro de 2023. Atentei em ver a série outra vez mais, pela quarta vez, anotando informações nos quadros, já apresentados, e para isso precisei assistir também lembrando o que estudei sobre o tema, o que foi abordado na fundamentação teórica. De início, me coloquei diante da série buscando saber: como os vídeos estão educando? Quais as pedagogias? Como é abordada a violência sexual? A linguagem visual e verbal vai de encontro ao público alvo? Então, assisti cada episódio duas a três vezes, atentando mais para as vertentes na fala e logo, alterei a tabela destacando as pedagogias na fala, o tempo de duração e as palavras-chave. O processo foi minucioso. Precisei considerar duas visões, uma já conhecendo várias temáticas abordadas e outra como se eu estivesse tendo um contato inicial com determinados assuntos, pois, imaginei uma criança no seu processo de constituição assistindo a série, alguns assuntos podem ser praticamente novos e dessa forma como tais pedagogias vão impactá-la?

Em seguida, depois de assistir toda animação e fazer anotações que compuseram cada quadro, iniciei o processo de assistir pela quinta vez para analisar elementos visuais que também carregam pedagogias, por exemplo, o fato de Ariel estar brincando de boneca, Dandara estar mexendo nas suas partes íntimas e a pose na frente ao espelho da amiga de Dandara. Santos (2021) diz,

A linguagem é peça fundamental do processo de constituição do sujeito, estar atento/a a ela é importante para problematizar os discursos num processo de pesquisa. Buscar enunciados em documentos audiovisuais é mais do que ouvir o que se diz, pois os vídeos apresentam elementos visuais que muitas vezes são importantes para sua compreensão, como cenários, gestos e expressões que podem mudar a forma como um/uma interlocutor/a entende uma fala. (SANTOS, 2021, p. 40).

Assim sendo, após assistir a série por 5 vezes, observei toda animação novamente três vezes por episódio completando 78 vezes, buscando esses elementos, retornei e anotei no quadro as pedagogias visuais, ou seja, os saberes que estão presentes no que observamos visualmente, como também, anotei o número de visualizações. Vale destacar que já tinha listado a sinopse de cada episódio antes de assisti-los. Para mais, após esse olhar separado, retornei atentando os aspectos da fala e visuais juntos, que é o que Santos (2021, p. 40) destaca, em que a fala com a inserção dos elementos visuais auxiliam na compreensão,

ocasionando na forma que o/a outro/a entende. Isto posto, considerando que a junção dos elementos visuais com os elementos sonoros fortalece a ideia transmitida, quem recebe a informação, a recebe com mais detalhes, mais clara, o que a torna de melhor entendimento.

Por fim, considerei assistir novamente toda a série e buscar novos componentes, completando 79 vezes, pois, imaginei que a cada vez que atentasse à produção notaria novas contribuições, novos elementos e auxiliaria no que já havia visto antes. Em vista disso, dediquei um dia observando e repassando os novos dados obtidos para o quadro, como falas não percebidas antes, pedagogias visuais que também não havia me atentado.

Em resumo, o uso do artefato midiático a partir da netnografia possibilitou a vantagem de ter contato direto com o objeto de estudo e retomada de quantas vezes necessária. Afinal, aprofundei na pesquisa, tive a oportunidade de conhecer vários pontos de vista por meio dos abundantes discursos e me perguntar como eles podem influenciar o processo de subjetivação de cada ser? Como implicam no meio social? Durante esse processo pude retornar, pausar, ver novamente para não perder informações. Por fim, considero importante ressaltar também que ao analisar os vídeos e me dar conta dos vários discursos que circulam por eles, busquei ter cautela para não inserir juízos de valor na pesquisa.

### **3 - ANÁLISES SOBRE O ARTEFATO EDUCATIVO 'QUE CORPO É ESSE?' NA PREVENÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS SEXUAIS NA INFÂNCIA**

Os vídeos da série ‘Que Corpo é esse?’, como artefatos culturais, produzem saberes que educam aqueles/as que a consomem, como já abordado por Andrade (2017). Irmo Wagner e Luís Sommer (2019) sinalizam que as pedagogias culturais hoje têm como instrumentos educativos as mídias e demais artefatos da cultura, como programas de televisão, filmes, desenhos, publicidades e entre outros. Por meio disso, a sociedade é educada nas suas diversas formas de ser e agir. Segundo Wagner e Sommer (2019),

Educativos porque tais produções e artefatos culturais, ao colocarem em circulação determinadas representações (seja de que natureza for), vão se constituindo como materiais a partir dos quais as crianças, jovens e adultos vão construindo suas identidades de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia. Através de tais representações, as crianças e jovens vão internalizando valores e formas muito específicas de se pensar o social, o individual, o público, o privado. A rigor trata-se de pedagogias que operam pela sedução, que colonizam o desejo, que capturam indivíduos e produzem formas padronizadas de sujeito. (WAGNER; SOMMER, 2019, p. 2).

Considerando os argumentos de Wagner e Sommer (2019), ao explorar temas como privacidade, relacionamento abusivo, proteção de crianças, entre outros, a série ‘Que corpo é esse?’ procura educar o público sobre questões relacionadas ao corpo e à segurança pessoal. Dispondo da série como objeto de conhecimento para pensar na prevenção e o combate às violências sexuais contra crianças foram selecionados alguns episódios das três temporadas, encontrados por meio de palavras-chave e sinopses que mais se aproximavam da marca temática do trabalho, ou seja, a violência. As palavras-chave e as sinopses usadas para a seleção dos vídeos foram retiradas dos quadros produzidos neste trabalho, nos quais tanto as palavras-chave quanto a sinopse já estão previamente organizadas de acordo como foi elaborado e discutido no capítulo da metodologia. Os episódios elegidos foram dez: ‘Eu tenho um corpo’; ‘Privado e público’; ‘O direito de dizer não’; ‘Internet e Mídia’; ‘Meu corpo, minhas regras’; ‘Amores e relações abusivas’; ‘Sharenting’; ‘Aliciamento de crianças e autoproteção’; ‘O perigo das palmadas’; ‘Uma aldeia para criar crianças’. A seguir, produziremos análises sobre os episódios elencados, entremeando o embasamento teórico

construído com os elementos próprios dos vídeos, em especial os diálogos/falas dos/as personagens.

### **Primeira temporada - Episódio 1: Eu tenho um corpo**

No primeiro episódio da primeira temporada da série, intitulado *Eu tenho um corpo*, já é inserido o debate sobre a importância do conhecimento e da valorização de nosso próprio corpo, desde o nascer até a vida adulta. Nesse episódio, Ariel, o filho mais novo, reconhece que possui um corpo e ao tomar banho com sua irmã Dandara, com a ajuda do pai, Aquiles, descobrem as suas diferenças corporais. O pai alerta Dandara quanto à higiene e autoproteção de seu corpo (FUTURA, 2021). Retomando os argumentos de Irmo Wagner e Luís Sommer (2019), as pedagogias culturais educam os sujeitos nas suas diversas formas de ser e agir. Dessa forma, o episódio aqui tomado como objeto de análise pode educar seu público e as falas produzidas pelos/as personagens possuem um papel significativo nesse processo.

Figura 2: Cena do banho de Ariel e Dandara



Fonte: Cena retirada do Canal Childhood Brasil<sup>1</sup> (2018).

---

<sup>1</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9Yxf6yahjMU> >

Em face do exposto, o diálogo entre o pai, Aquiles e a filha Dandara, se passa no banheiro após a filha demonstrar curiosidade sobre o corpo do irmão Ariel. Diante disso, se destacam algumas falas, por exemplo:

- Dandara perguntou: Papai, por que o Ariel tem pipi?
  - Aquiles responde: As pessoas nascem diferentes, filhinha, umas com pipi e outras com pepeca.
  - Dandara diz: Você também tem pipi, eu já vi!
  - Aquiles responde: É, que nem o Ariel. E, você tem pepeca que nem a mamãe. Epa, Epa deixa o pipi do seu irmãozinho aí quietinho!
  - Dandara responde: Mas, eu quero mexer!
  - Aquiles fala: Nananinanão! Cada pessoa cuida do seu próprio pipi ou pepeca. Como o Ariel é bebê, eu que tô lavando o pipi dele. Mas, você não é crescadinha já?
  - Dandara responde: Sou.
  - Aquiles explica: Então, você já pode lavar sua pepeca sozinha. Não precisa da ajuda de ninguém, né? Outras pessoas só podem mexer no pipi ou na pepeca pra cuidar, se estiver dodói, para limpar, depois de fazer xixi, cocô ou na hora do banho, como eu estou fazendo com o Ariel agora.
  - Dandara cantarola: Eu lavo a minha pepequinha, porque sou crescadinha lalala!
  - Aquiles diz: Isso mesmo! E, se outra pessoa quiser mexer na pepeca ou no pipi e não for pra cuidar de dodói e limpar, você vem e fala com a mamãe e o papai. Tá bom?
  - Dandara responde: Tá.
- (EU TENHO UM CORPO, 2018)<sup>2</sup>

As falas apresentadas, alinhadas com as imagens da série, de certa forma, manifestam a curiosidade das crianças em conhecer o corpo humano e a produção utiliza dessa curiosidade para educar os/as espectadores/as sobre as diferenças corporais em um cenário familiar, sem tentar vedar os conhecimentos para as crianças, ressaltando a importância desses conhecimentos para o autocuidado/autoproteção.

Aliás, dialogar acerca da sexualidade ainda é visto com ar de preconceito e censura, mesmo a sexualidade sendo concreta na vida de todos os indivíduos. O catálogo Sexualidade, material promovido em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro (2014, p. 5) enuncia, “A construção dos alicerces da sexualidade começa na infância: a capacidade de se ligar afetivamente, a identidade sexual, a confiança em si e no outro, a segurança, a imagem corporal, a autoestima e a autonomia; os limites, as normas sociais, os valores morais, etc.”. Portanto, as censuras em torno da questão não colaboram para a construção dos alicerces da sexualidade, por exemplo: a autoestima, segurança, prevenção

<sup>2</sup> Todas as falas foram transcritas da série. Episódio disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9Yxf6yahjMU>>.

contra as violências, a diversidade da identidade sexual, o autoconhecimento, etc. Sendo assim, quando o silêncio predomina acaba contribuindo para a violação dos indivíduos, pois a censura não permite que estes possuam saberes que auxiliam na vivência da sexualidade em diversas formas, como saber o limite que você possui do corpo do outro e o outro possui do seu corpo, como é reproduzido no discurso do episódio em análise.

No episódio, já ocorre o incentivo ao diálogo com alguém de confiança caso outra pessoa desrespeite o teu corpo. Não há inibição do assunto ou punição, e sim uma educação para a sexualidade. Oliveira, Silva e Maio (2020) defendem que a prática de dialogar acerca da sexualidade pode auxiliar oferecendo “informações críticas para se defenderem de práticas abusivas que estejam em vias de se tornar cotidianas em suas vidas e de violar os seus direitos”. (OLIVEIRA; SILVA; MAIO, 2020, p. 18). Logo, a conversa nesse cenário é importante, pois é a informação que auxilia a criança a se proteger, como observado na frase dita pelo pai durante o banho de Ariel e Dandara: “*E, se outra pessoa quiser mexer na pepeca ou no pipi e não for pra cuidar de dodói e limpar, você vem e fala com a mamãe e o papai. Tá bom?*” (EU TENHO UM CORPO, 2018).

Desta forma, as falas do pai colaboram para a prevenção às violências sexuais. As crianças que consomem esse artefato são educadas para a vivência de uma sexualidade que envolve o respeito aos corpos delas, em que elas se tornam protagonistas dos seus cuidados ou entendam que, em alguns casos, será necessário o cuidado respeitoso com o outro, como do Ariel que ainda é pequenininho e depende de outra pessoa para cuidar dele.

– Pai diz: Então, você já pode lavar sua pepeca sozinha. Não precisa da ajuda de ninguém, né? Outras pessoas só podem mexer no pipi ou na pepeca pra cuidar, se estiver dodói, para limpar, depois de fazer xixi, cocô ou na hora do banho, como eu estou fazendo com o Ariel agora. (EU TENHO UM CORPO, 2018)

Na cena do banho, em que Ariel depende do pai para cuidar dele, a fala de Aquiles demarca que as crianças são indivíduos que merecem respeito e não somente um ser que precisa aceitar qualquer coisa na relação de poder com o adulto, que pode até ocasionar nas violências sexuais. Como citado anteriormente, a pedofilia está submetida à relação de poder entre adultos e crianças (FELIPE, 2006, p. 220), já que na relação adulto e criança, o adulto sente que tem o controle sobre a criança. Felipe (2006) conclui que

Elas não têm escolha diante do adulto – pai, tio, avô, mãe – que a coloca numa posição de subordinação, mesmo que utilize palavras carinhosas, mesmo que diga o quanto as amam e isso que estão fazendo é para o bem delas, como costumam referir os artefatos midiáticos utilizados por pedófilos (FELIPE, 2006, p. 220).

Diante disso, as relações de poder deixam as crianças sem escolhas, vulneráveis aos/as violentadores/as que carregam em si o desejo de dominá-las. Na série, o episódio debate esse comportamento ao apresentar por meio dos discursos e cenas, como observado na fala do pai Aquiles destacada acima, que com uma educação para a sexualidade a criança aprende que não deve aceitar toda conduta do adulto quando isso fere sua intimidade, sabendo que possuem o direito de escolhas diante de ações que prejudicam a si e seu corpo. Entende-se, assim, que para que a criança compreenda o que a prejudica e a fere, é necessário o diálogo acerca da sexualidade como já abordado por Oliveira, Silva e Maio (2020).

### **Primeira temporada - Episódio 2: Privado e público**

O episódio *Privado e público* trata de uma temática de suma relevância para pensar a intimidade, a proteção e a prevenção das violências sexuais. São explorados temas como o consentimento e a invasão de privacidade. O episódio se esforça para fazer pensar sobre a importância do respeito aos limites pessoais e do consentimento em todas as relações.

Figura 3: Cena de diálogo entre a mãe Helena e a filha Dandara



Fonte: Cena retirada do Canal Childhood Brasil<sup>3</sup> (2018).

Após Dandara sair correndo pela casa sem roupas, entrar no quarto de suas irmãs Chris e Thainá, inclusive puxar os shorts de Chris e ir ao banheiro, ainda sem roupas, enquanto seu irmão, Kauã, acaba de tomar banho, sua mãe, Helena, em tom amoroso a chama para conversar. Para dialogar melhor com a série, destacam-se algumas das falas:

- Thainá chama atenção: Dandara, mexendo na pepeca no meu quarto?
  - Dandara cantarola: Ursinho peladinho!
  - Dandara prossegue: Ursinho peladinho, Kauanzinho peladinho!
  - Kauã chama a atenção: Dandara!
  - Dandara cantarola: Todo mundo peladinho, ursinho peladinho... lalalala!
  - Helena responde: Filhotinha vem conversar com a mamãe?
  - Dandara pergunta: Você gosta do ursinho peladinho?
  - Helena responde: Eu gosto mais dessa ursinha peladinha! Mas, olha ficar pelada aqui em casa perto da gente, dos seus irmãos não tem problema nenhum, tá?
  - Dandara responde: A gente gosta de ficar pelada.
  - Helena responde: E eu não sei? Mas, não é legal que você fique pelada em outros lugares ou com pessoas estranhas.
  - Dandara pergunta: Por quê?
  - Helena responde: Porque não é seguro. Você não conhece direito quem são essas pessoas e elas podem desrespeitar você.
  - Dandara suspira: Aaaaaa!
  - Helena fala: Sempre que alguma coisa ou pessoa te incomodar você vem falar com a mamãe ou o papai, tá?
  - Dandara responde: Então é melhor ficar pelada aqui em casa que nem o kauã no banheiro?
  - Helena responde: Sim, todas as pessoas ficam peladas. Mas, só em lugares seguros e quando se sentem seguras.
  - Dandara pergunta: E, por que ele ficou bravo?
  - Helena responde: Porque no quarto dos outros e no banheiro não pode ficar entrando sem perguntar, às vezes as pessoas podem não gostar.
  - Dandara diz: Aaaa!
  - Chris grita do quarto: E nem pode ficar abaixando a roupa dos outros.
  - Helena fala: Puxar a roupa dos outros não é legal, ninguém gosta disso.
  - Dandara diz: Ouviu ursinho?
  - Helena finaliza: Todo mundo pode mexer na própria pepeca ou pipi são as partes íntimas, aqueles lugares que só você pode tocar, a não ser que seja alguém de confiança para cuidar ou limpar você. E, para mexer na pepeca ou no pipi é melhor fazer sozinha, no banheiro, no seu quartinho e com as mãos limpas. Porque a pepeca e mãozinha suja não combinam, não é ursinho?
- (PRIVADO E PÚBLICO, 2018)

Nesse episódio da produção, observa-se que há um olhar atento para as crianças e

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cjweX5MIIE> >

adolescentes protegerem a sua intimidade. Está presente a perspectiva de afirmar a busca de diálogo com alguém de confiança caso outra pessoa seja desrespeitosa, que é algo importante a ser divulgado e reafirmado para quem está consumindo o conteúdo do episódio, já que uma das estratégias do/a violentador/a é impor o silêncio à vítima. Sobre esse aspecto, Oliveira (2019) argumenta que

O agente possui em sua conduta coercitiva a intenção de aproveitar-se de sua posição enquanto adulto para praticar atos de cunho sexual para com a criança/adolescente. Trata-se de um crime difícil de ser identificado e por isso, muitos ficam impunes, levando-se em consideração que a vítima é chantageada e manipulada a ficar em silêncio. (OLIVEIRA, 2019, p. 1).

Logo, na relação de poder, que já abordamos neste texto, entre as crianças e os adultos, sucede que o/a violentador/a usa de todas as estratégias para beneficiá-lo/a, como oprimindo a vítima ao silêncio. Ora, se a criança e adolescente tiverem acesso a uma educação para a sexualidade em que possam compreender que esse comportamento não é o correto e que possuem uma rede de confiança para contar, caso sejam vítimas, dificilmente reconhecerão que as atitudes do/a violentador/a não são corretas.

No episódio, nota-se o diálogo entre a mãe, Helena e sua filha Dandara, uma pedagogia em circulação em que as crianças e adolescentes não permanecem sem alicerces para se proteger, ou seja, as crianças e adolescentes conseguirão reconhecer atitudes violentas. Por exemplo, na fala de Helena:

– Helena diz: Todo mundo pode mexer na própria pepeca ou pipi são as partes íntimas, aqueles lugares que só você pode tocar, a não ser que seja alguém de confiança para cuidar ou limpar você. E, para mexer na pepeca ou no pipi é melhor fazer sozinha, no banheiro, no seu quartinho e com as mãos limpas. Porque a pepeca e mãozinha suja não combinam, não é ursinho? ( PRIVADO E PÚBLICO, 2018).

Além disso, a parte da fala de Helena, “*Todo mundo pode mexer na sua própria pepeca ou pipi, são as partes íntimas aqueles lugares que só você pode cuidar.*” (PRIVADO E PÚBLICO, 2018), remete ao argumento de que cada sujeito é ‘dono’ do seu próprio corpo, apostando em uma educação para a sexualidade a partir da compreensão de que os corpos das crianças, como de cada ser humano, são dignos de respeito e que suas partes íntimas devem ser tocadas somente quando houver autorização e consentimento. Como também, remete,

novamente, à ideia de conhecer seu próprio corpo, as sensações que ele produz, e aprender a cuidar dele. É observada esta ideia nas falas de Helena quando senta com Dandara e diz: “*Sim, todas as pessoas ficam peladas. Mas, só em lugares seguros e quando se sentem seguras.*”[...]“*E, para mexer na pepeca ou no pipi é melhor fazer sozinha, no banheiro, no seu quartinho e com as mãos limpas. Porque a pepeca e mãozinha suja não combinam, não é ursinho?*” (PRIVADO E PÚBLICO, 2018).

Assim, ressaltamos os argumentos de Andrade (2017), entendendo que as crianças e adolescentes, ao serem educadas por esse artefato, podem compreender que suas partes íntimas não devem ser tocadas por outras pessoas sem sua autorização e consentimento, e que seu corpo merece respeito.

#### **Primeira temporada – Episódio 4: O direito de dizer não**

O episódio *O direito de dizer não* já traz em seu título uma reflexão. Nele, é aludido ao desafio enfrentado por muitas pessoas ao dizer “não” em situações desconfortáveis ou de violência. Diante disso, é exposta a questão da importância de exercer o direito de dizer não e a necessidade de acreditar e apoiar as pessoas que enfrentam situações de abuso e violência, encorajando-as a buscar ajuda e procurar justiça.

Figura 4: Cena de diálogo entre a mãe Helena, a filha Dandara e amiga de Helena, Florilda



Fonte: Cena retirada do Canal Childhood Brasil<sup>4</sup> (2018).

A raiva expressa no rosto de Dandara marca de forma decisiva a cena em questão. Dandara não se sente à vontade com a maneira como Florilda demonstra afeto, seja com abraços apertados e beijos “melequentos”. Por isso, Dandara foge para outro cômodo da casa a fim de escapar da situação desagradável, mas após Florilda a seguir o “Não!” ecoou pelo ambiente e assim se desenvolveu o diálogo entre Helena, Florilda e Dandara.

Destacam-se as falas abaixo:

- Dandara fala: NÃO! Não quero beijo gosmento!
- Florilda diz: A tia adora beijar e abraçar, mas se você não gosta tudo bem.
- Dandara responde: Não, não gosto!
- Helena fala: Hum! Não quer ganhar beijo da tia? Tudo bem, né Florilda?
- Florilda responde: Claro! Você sempre pode dizer não, mesmo que seja beijo, abraço, sentar no colo e principalmente se alguém quer mexer nas suas partes íntimas.
- Helena diz: Filha, as crianças não devem deixar ninguém mexer na pepeca ou no pipi, só se for algum adulto de confiança para limpar ou cuidar de algum dodói.
- Florilda diz: E se a pessoa insistir ela está errada!
- Helena fala: E aí você fala comigo ou com o seu pai, ou com um adulto de confiança que nem a professora.
- Florilda diz: Já que eu não posso te beijar, toca aqui! (O DIREITO DE DIZER NÃO, 2018)

Oliveira, Silva e Maio (2020, p. 7) definem que “A violência, para além de uma violação ou de uma transgressão de normas, de regras ou de leis, diz respeito, sobretudo, às relações de poder e à objetificação do/a outro/a”. Desta forma, além do desrespeito às leis, as crianças e adolescentes passam a ser definidas como um objeto e, como tal, não é considerado o seu bem-estar. Por isso, Piana e Bezerra (2019, p. 202) discutem que a violência sexual é “uma violência que é cruel, pois invade o mais íntimo do ser da criança, causando dor e medo, viola o direito que estas têm sobre seu corpo, mostrando sua fraqueza diante da força e poder do adulto sobre ela.”. Isto posto, determina como o/a violentador/a age de tal forma para que as crianças e adolescentes enxerguem que não possuem voz e que não existe saída.

O livro “Não me toca, seu boboca!” de Andrea Taubman, aborda assuntos sobre violência sexual, assédio buscando a auxiliar na prevenção as violências sexuais. O livro infantil narra uma história da coelhinha Rita e um tio, o “tio pipoca” que se apresenta como

<sup>4</sup>

Disponível

em:

<https://www.youtube.com/watch?v=WPPnadaLX6g&list=PL6ezBjEAXFlpWmbUPj8DaELL-GmhVPO&index=4> >

um tio “bonzinho”, mas não era. As intenções do tio pipoca eram más, ele queria violentar Rita. Mas, Rita sabia que seu corpo não pode ser tocado por qualquer um e logo correu e gritou “ Não me toca seu boboca!”. (TAUBMAN, 2020).

Figura 5: Falas de Rita



Fonte: Print da página 18 do Canal do Youtube CCA Reimberg<sup>5</sup>

Figura 6: Falas de Rita



Fonte: Print da página 18 do Canal do YouTube CCA Reimberg<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Leitura do livro disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rlnBVBhfakI> >

<sup>6</sup> Leitura do livro disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rlnBVBhfakI> >

Assim como o livro, a centralidade do episódio *O direito de dizer não* está em enfatizar o argumento de que, nas situações mais difíceis de desrespeito contra si ou naquelas em que a criança não se sinta bem, ela pode dizer não. É um direito dizer não! Além disso, também investe no argumento de que a criança não está errada por dizer não, ao contrário, ela é digna de apoio. As falas de Helena e Florilda fixam isso:

- Helena fala: Hum! Não quer ganhar beijo da titia? Tudo bem, né Florilda?
- Florilda responde: Claro! Você sempre pode dizer não, mesmo que seja beijo, abraço, sentar no colo e principalmente se alguém quer mexer nas suas partes íntimas. (O DIREITO DE DIZER NÃO, 2018).

Desta forma, pensando na violência sexual, é comum que tenha chantagem por parte do/a violentador/a, culpabilizando a vítima, ordenando silêncio ou até dizendo, em tons de ameaça, que não acreditariam na vítima. Por isso, esse episódio apresenta lições às crianças: que se pode dizer não, que a criança tem que ser respeitada nessa decisão, que a pessoa que não respeitar está errada e que a criança tem pessoas de confiança com quem pode contar. Desse modo, enfatiza-se a relevância de uma educação para a sexualidade em que crianças e adolescentes têm a oportunidade de serem educadas sobre como se proteger, o que é certo e o que é errado nessas relações envolvendo pessoas adultas. Logo, se forem vítimas de violência sexual terão uma chance de se proteger e o/a agressor/a terá dificuldade em manipular as crianças e os adolescentes, já que estas saberão que possuem voz.

Para mais, a educação para a sexualidade deve ser priorizada não somente dentro do seio familiar, mas também nas instituições educativas. Como se observa nas relações de poder que provocam as situações de violência, muitos casos são praticados pela rede familiar do público infanto-juvenil. A Cartilha maio laranja (BRASIL, 2021, p. 7) alerta que “85% a 90% desses agressores sexuais são pessoas CONHECIDAS: 30% são pais e 60% conhecidos da vítima e de sua família”. Piana e Bezerra (2019) apontam

No complô do silêncio, tudo o que acontece dentro do lar é envolvido num pacto de silêncio familiar; o abuso é mantido em segredo e, algumas vezes, encoberto por outros membros da família, em que o abusador, por deter o poder moral e econômico, faz com que o fato seja mantido em segredo. A prática do abuso pode durar e se repetir por meses ou até anos, ficando, muitas vezes, na impunidade. (PIANA; BEZERRA, 2019, p. 205).

Assim, a educação para a sexualidade apresenta fontes de informações para que este público tenha chances de se defender e reconhecer as violências. Sobre tais processos, Oliveira, Silva e Maio (2020) argumentam que

o problema da violência e do abuso sexual é algo macrossocial, envolvendo diferentes elementos que se entrecruzam com os aspectos culturais de uma determinada sociedade. Assim, o combate a essa forma de violência deve envolver as mais variadas instituições de atendimento à criança e ao/à adolescente, incluindo as escolas como um locus de prevenção, de proteção e tratamento de informações imprescindíveis para assegurar o direito à dignidade das crianças e dos/as adolescentes. (OLIVEIRA; SILVA; MAIO, 2020, p. 13).

No episódio em análise também é dissertado este tema por meio da fala de Helena para Dandara, “*E aí você fala comigo ou com o seu pai, ou com um adulto de confiança que nem a professora.*” (O DIREITO DE DIZER NÃO, 2018). No diálogo, Helena introduz outras pessoas além da família em que as crianças e adolescentes podem contar, por exemplo: a professora. A escola nesse cenário precisa ser rede de apoio, prevenção e segurança, pois, é amplo, como aqui já foi exposto, o número de violências sexuais praticadas no seio familiar e a criança e adolescente podem se sentir desamparadas, não ter a oportunidade de uma educação para sexualidade a partir da qual entendam o que é correto, como limites do seu corpo e limites para o corpo do outro. Diante disso, a escola pode ser o caminho para que, a partir de práticas de educação para sexualidade, juntamente com as pedagogias de outras instâncias, como a série aqui em análise, sejam educados/as para sua proteção e se sintam seguros/os para contar algum tipo de violência, caso sejam vítimas.

### **Primeira temporada- Episódio 6: Internet e mídia**

No episódio *Internet e mídia* é abordada a temática sobre o uso da internet/plataformas digitais como meio que sujeitos utilizam para a prática de violência sexual contra crianças e adolescentes, utilizando identidades falsas. O episódio busca discutir os cuidados que as crianças e adolescentes devem ter ao fazerem o uso da internet, estimulando a busca por ajuda, caso se sintam desconfortáveis ou tenham dúvidas sobre sua segurança. Além disso, o episódio exhibe que o silêncio deve ser combatido com a denúncia apresentando o aplicativo

Proteja Brasil<sup>7</sup> para denúncias anônimas, contatos e rede de proteção de crianças e adolescentes.

Kauã, filho de Helena, como muitos adolescentes está imerso no mundo tecnológico, em questão os jogos online. A cena a seguir traça o primeiro diálogo do episódio às duas horas da manhã, em que Kauã é avistado por sua irmã Chris que o indaga sobre o que está fazendo. Para Kauã, ele apenas está conversando com Manuela, uma amiga que conheceu no jogo. Porém, Chris traz novas informações sobre a utilização da internet, visando à segurança do seu irmão, o que muda completamente os saberes de Kauã sobre o que é correto e errado na utilização no mundo tecnológico.

Figura 7: Primeiro diálogo Kauã e Chris



Fonte: Cena retirada do Canal Childhood Brasil (2018).

As falas em realce foram:

- Chris pergunta: O que cê tá fazendo? São duas da manhã!
- Kauã responde: Eu só to conversando com uma menina que eu conheci no jogo.
- Chris pergunta: Ah é? Quem?
- Kauã responde: Hum... A Manuela.
- Chris pergunta novamente: Quem?

<sup>7</sup> Link para download do aplicativo Proteja Brasil: < <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.siproj.protejabrasil&pli=1> >

- Kauã responde: Uma mina que eu conheci online, ela é mo boa no jogo, engraçada, curte as mesmas coisas, sei lá.
- Chris responde: Tá namorandinho! Mas, ó vai com calma com esse negócio de namoro por internet porque também tem muita história sinistra, tipo Groming.
- Kauã pergunta: O que é Gromin?
- Chris responde: É tipo adulto que finge ser gente da sua idade e aí se aproxima e faz sexting.
- Kauã pergunta: Sexting?
- Chris responde: É esse negócio aí de pedir pra mandar foto pelado, nude. Ela te pediu isso?
- Kauã responde: Claro que não!
- Chris responde: Ó a coisa é séria em. Tem uma amiga minha da escola que mandou foto pelada pro namorado e as fotos vazaram na internet.
- Kauã fala: Putz! Sério? Ah, mas eu não vou mandar foto minha pelado não ou.
- Chris responde: Tá, tá! Mas, se liga em. Se ela quiser te encontrar escondido cê não vai. Tem um monte de gente que já foi assaltada, abusada sexualmente. Rola até rapto.
- Kauã diz: Relaxa! A manu não faz nada disso não.
- Chris fala: Hum! Pode ser. Mas, se começar rolar alguma coisa assim me avisa, fala com o pai e a mãe que pode ser perigoso.
- Kauã responde: Tá.
- Chris fala: Eu to indo dormir, mas saca só se ela quiser te encontrar marca de ir em um lugar público e não vai sozinho não, se você quiser... eu posso ir junto. Eu fico lá vendo de longe.
- Kauã responde: Tá, falou. (INTERNET E MÍDIA, 2018)

Figura 8: Segundo diálogo Kauã, Chris e Helena.



Fonte: Cena retirada do Canal Childhood Brasil (2018).

As falas em realce foram:

Outro dia...

– Chris pergunta: Deu ruim ontem a noite?

– Kauã responde: Ah, sei lá! Acho que a Manu mentiu pra mim.

– Chris fala: Sério?

– Kauã responde: Ah, sei lá. Ela veio com uns papos estranhos, perguntando o que eu estava vestindo e aí pediu pra eu mandar uma foto sem camisa.

– Chris pergunta: E você mandou?

– Kauã responde: Mas é lógico que não. Aí ela falou que me amava e que queria me encontrar escondida e tal. E aí eu falei que não ia sozinho e ela não curtiu e resolveu sair fora.

– Helena entra na porta e pergunta: Vocês não vem tomar café não? Iii que cara é essa?

(Kauã conta para mãe, cena sem som do diálogo, só com a imagem.)

– Helena diz: Aí filho, que chato! Mas, você fez certinho.

– Chris diz: É e você tem que denunciar esse perfil aí, para ele não fazer isso com mais gente não.

– Kauã diz: É, eu vou denunciar no jogo.

– Chris fala: E baixa aí também esse aplicativo “Proteja Brasil”. Aqui dá pra ver um monte de contatos, tipo de denúncia anônima e os da rede de proteção às crianças e adolescentes. E, ainda dá pra fazer denúncia de crime de internet.

– Helena fala: Gostei que você contou pra gente kauã. Qualquer problema é só falar, tá?

– Kauã responde: Tá, tudo bem. (INTERNET E MÍDIA, 2018)

Francisco Júnior (2023) enuncia sobre o mundo digital na sociedade contemporânea, segundo ele,

Não é incomum nos depararmos com crianças e adolescentes participando de um mundo virtual através de uma figura representativa, denominada como avatar. Esses indivíduos participam desses meios como se estivessem em uma dinâmica social adulta. (FRANÇA JÚNIOR, 2023, p. 10).

Para mais, a exposição de crianças e adolescentes na internet ocupa o 5º lugar no ranking do Disque 100, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2020). O dado, juntamente com a citação de Francisco, valida que as crianças e adolescentes fazem uso do mundo digital. Porém, ainda, é necessário investir em educação e proteção digital para prevenir possíveis crimes contra as crianças e adolescentes. A matéria do jornal online Estado de Minas (2020) aponta dados de pesquisa, mostrando que

[...] 67% das crianças publicam sobre seus hobbies e/ou atividades favoritas nas redes sociais, enquanto que 10% postam sobre dados pessoais de amigos e parentes. Além disso, 16% costumam divulgar fotos de suas casas na internet. (MAYARA, 2020).

Dessa forma, muitas informações privadas, íntimas desse público, vêm sendo expostas diariamente nas plataformas digitais. Decorre que o outro por trás das telas já possui informações substanciais que o/a permite saber o perfil da criança e do adolescente, onde mora, escola, o que gosta ou o que não gosta o tempo que fica sozinho. A reportagem do jornal O Estado de Minas dialoga a respeito disso,

Na maioria das vezes, o estranho já vem acompanhando informações e, quando chega para conversar com a criança, já tem todas as 'armas' de que precisa para se aproximar e chamar sua atenção, se camuflando como uma pessoa ou até como uma outra criança, de interesses e estilo de vida comuns. Assim, torna-se ainda mais atrativo para a criança que ela mantenha um contato com essa pessoa, independentemente de a conhecer ou não, pois já se sente familiarizada, como se tivesse uma certa identificação. (MAYARA, 2020)

Diante dessa sociedade contemporânea em que os meios tecnológicos estão em evidência, no episódio a série a preocupação está em chamar a atenção do seu público também dentro desse campo. A fala “*Conversando com uma menina que conheci no jogo*” (INTERNET E MÍDIA, 2018), demonstra algo comum dessa geração, como já apresentado, o aumento significativo do uso das redes e a exposição da vida privada devido à uma educação tecnológica precária, propiciando um cenário para que as violências sexuais se proliferem.

A matéria do jornal citada anteriormente expõe como se iniciam as violências sexuais mediadas pelas tecnologias de comunicação on-line, ou seja, com as informações explícitas o/a violentador/a consegue se camuflar. A partir disso, a pessoa possui maior liberdade e chances para se aproximar ao fingir ser quem não é, conquistar a criança e o adolescente, enganá-los. O primeiro diálogo entre Kauã e Chris demarcam tais características:

- Kauã responde: Uma mina que eu conheci online, ela é mo boa no jogo, engraçada, curte as mesmas coisas, sei lá.
- Chris responde: Tá namorandinho! Mas, ó vai com calma com esse negócio de namoro por internet porque também tem muita história sinistra, tipo Groming.
- Kauã pergunta: O que é Gromin?
- Chris responde: É tipo adulto que finge ser gente da sua idade e aí se aproxima e faz sexting.

- Kauã pergunta: Sexting?
- Chris responde: É esse negócio aí de pedir pra mandar foto pelado, nude. Ela te pediu isso?
- Kauã responde: Claro que não!
- Chris responde: Ó a coisa é séria em. Tem uma amiga minha da escola que mandou foto pelada pro namorado e as fotos vazaram na internet.
- Kauã fala: Putz! Sério? Ah, mas eu não vou mandar foto minha pelado não ou.
- Chris responde: Tá, tá! Mas, se liga em. Se ela quiser te encontrar escondido cê não vai. Tem um monte de gente que já foi assaltada, abusada sexualmente. Rola até rapto.  
(INTERNET E MÍDIA, 2018)

Como é possível perceber, a cena demonstra a prática em que o/a violentador/a camuflado/a pede fotos do corpo, nudes, marca encontro com a vítima, a qual pode sofrer violência sexual e física, rapto. Mesmo que não marque um encontro, a pessoa terá acesso às informações e conseguirá descobrir onde a criança ou adolescente vai estar e assim cometer algum tipo de violência, sendo capaz de levar à morte. O fato de a série trazer a informação de que há pessoas que podem não ser quem elas dizem ser, pode colaborar para a prevenção e proteção contra as violências sexuais. Assim, aqueles/as que por meio deste artefato forem educados/as podem assumir uma postura de se proteger, como a que Kauã teve após perceber os sinais alertados pela sua irmã, negando se encontrar sozinho ou tirar foto exibindo partes do corpo.

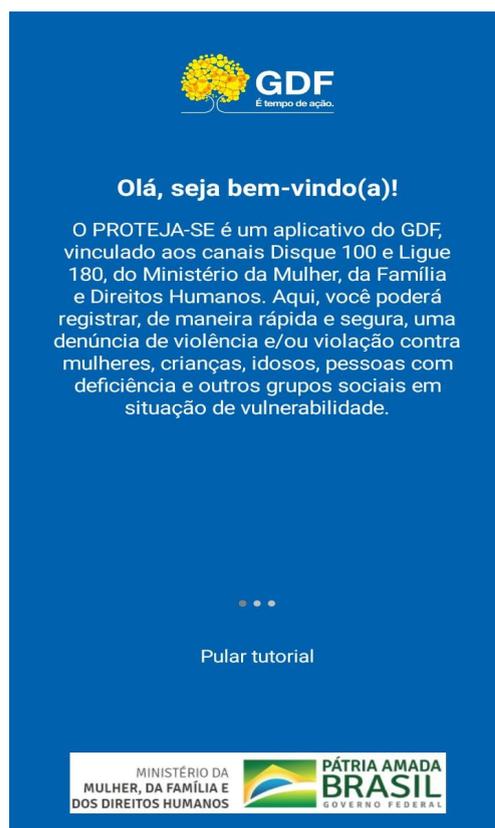
- Kauã responde: Ah, sei lá! Acho que a Manu mentiu pra mim.
- Chris fala: Sério?
- Kauã responde: Ah, sei lá. Ela veio com uns papos estranhos, perguntando o que eu estava vestindo e aí pediu pra eu mandar uma foto sem camisa.
- Chris pergunta: E você mandou?
- Kauã responde: Mas é lógico que não. Aí ela falou que me amava e que queria me encontrar escondida e tal. E aí eu falei que não ia sozinho e ela não curtiu e resolveu sair fora. (INTERNET E MÍDIA, 2018)

Outro destaque se dá quando a mãe adentra o cenário e Kauã conta tudo o que aconteceu para ela. “Ai filho que chato! Mas, você fez certinho” e “Gostei que você contou pra gente kauã. Qualquer problema é só falar, tá?” (INTERNET E MÍDIA, 2018). Essas falas da mãe demonstram acolhimento e seu elogio. Isso pode indicar que há pessoas que acolherão nesses casos, podendo não ser do círculo íntimo familiar, como já foi abordado em outro episódio, pode ser um/a professor/a, um/a amigo/a. Há também o ensinamento voltado às

peessoas adultas, de que o acolhimento é um princípio educativo na relação com o outro, principalmente, com as crianças e adolescentes, para que os acolha e transmita segurança.

O episódio caminha para o fim demonstrando que a denúncia não deve ser silenciada. Isso se dá por meio das falas de Chris, indicando um aplicativo de proteção: “E baixa aí também esse aplicativo “Proteja Brasil”. Aqui dá pra ver um monte de contatos, tipo de denúncia anônima e os da rede de proteção às crianças e adolescentes. E, ainda dá pra fazer denúncia de crime de internet.” (INTERNET E MÍDIA, 2018). Ora, apresentar o aplicativo é uma estratégia da série para aqueles que podem precisar ou que naquele momento precisam ter um canal de denúncia para ter acesso a ele.

Figura 9: Interface do aplicativo “PROTEJA BRASIL”



Fonte: Print retirado do aplicativo Proteja-se

### **Primeira temporada- Episódio 9: Meu corpo, minhas regras**

O nome Meu corpo, minhas regras é o título do nono episódio da primeira temporada da série. A partir dele, podemos propor uma vinculação com o movimento feminista, sendo

este o *slogan* do mesmo. Segundo Lorena Cronemberger (2019)

“Meu corpo, minha regras”, frase que estampou – e ainda estampa – diversas marchas e manifestações feministas, carrega uma crítica às relações de poder direcionadas ao corpo da mulher. Um corpo que, historicamente, esteve no foco de práticas e discursos disciplinares e normalizadores. (CRONEMBERGER, 2019, p. 23).

A luta e reivindicação feminista de apropriação do próprio corpo é algo histórico e que até hoje permanece em disputa. O controle em torno do corpo feminino dita a conduta, as ações consideradas corretas, o que é certo vestir ou o que é errado vestir. Sobre isso, Medeiros (2014) expõe

As diversas lutas envolvendo a questão feminina, ao longo do tempo, tiveram em seu escopo a questão do corpo, desde o controle da fertilidade a políticas de aborto, violência sexual e outras formas de controle social sobre o corpo feminino, como as que envolvem a maneira de se vestir e alterações corporais marcadas pelo gênero ou relações de poder que definem os acessos geográficos permitidos às mulheres. (MEDEIROS, 2014, p. 3).

Nesse cenário, as desigualdades de gênero acabam sendo passadas de geração em geração em um contexto conservador, evidenciando as relações de poder, comportamentos e pensamentos que guiam relações sociais desiguais e que acabam sendo vistas como usuais, mesmo que ocorra a predominância de um gênero sob o outro. Larissa Pelúcio (2014) disserta que gênero é uma “questão política” e gerador de desigualdades entre homens e mulheres, em que o privilégio é plenamente inclinado aos homens. De acordo com a autora, os traços culturais do Brasil apresentam fortemente essa desigualdade, sendo, por vezes, protegido por leis. Antes de 2003, como expõe Pelúcio (2014), no Código Civil Brasileiro, o homem possuía o controle sobre o casamento e a família, permitindo a anulação do mesmo se a esposa não fosse virgem. Vale ressaltar que tais marcas na história, definitivamente, trazem ensinamentos no decorrer dos anos, impactando a sociedade em suas vivências e até em situações que ditam ser naturais. Porém, estão acompanhadas de “saberes e relações de poder que são fortalecidos ao longo dos anos” (CASTRO; FERRARI, 2017, p. 82). Por essa razão, mesmo a lei sendo revogada em 2003, ainda existem traços dessa concepção sócio-política da desigualdade entre homens e mulheres, já que essa construção está marcada culturalmente na sociedade, ao longo dos anos, embora haja atualmente um alargamento cultural. Dessa forma,

apregoar ‘Meu corpo, minhas regras’ é lutar contra o discurso de controle e aprisionamento do direito à liberdade corporal da mulher. Tal slogan é uma reivindicação política contra as desigualdades de gênero e restrição de sua autonomia.

O episódio *Meu corpo, minhas regras* desenvolve o tema do empoderamento das mulheres em relação ao seu corpo. Ele versa sobre temas como autonomia, liberdade sexual e o direito de cada mulher em ter seus próprios limites e desejos. Busca incentivar o diálogo e a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade e a importância do respeito aos seus direitos individuais.

Chris está em seu quarto em uma ligação com sua amiga Lu, ela quer saber sobre a primeira relação sexual da amiga com sua companheira. Apesar de tudo ter ocorrido bem com Lu, Chris está se sentindo angustiada em ter sua primeira relação sexual com seu namorado Yudi, dado as pressões que vem sofrendo.

Figura 10: Chris em ligação de vídeo com amiga pelo celular



Fonte: Cena retirada do Canal Childhood Brasil (2018).

Figura 11: Amiga da Chris na ligação de vídeo pelo celular



Fonte: Cena retirada do Canal Childhood Brasil (2018).

Sobressaem algumas das falas:

- Chris pergunta: E como foi Lu?
- Lu responde: Nossa, foi bem melhor do que eu imaginava. Foi incrível, Chris!
- Chris responde: Aí que bom miga! A Sheila é uma gracinha e vocês são um casal super fofo!
- Lu responde: Obrigada sua linda! Ai o melhor de ter a primeira vez e que a gente não precisa ficar aflita de ter a primeira vez, né?
- Chris responde: Ai Lu nem me fala. Eu to nessa angústia com o Yudi.
- Lu pergunta: Por que? O que tá rolando?
- Chris fala: A... Cê sabe né. Faz um tempinho que a gente tá junto, só que ainda não rolou transa e agora ele começou a tocar nesse assunto, sabe?
- Lu pergunta: Mas, ele tá tipo... te pressionando?
- Chris fala: A...Ele tá insistindo. Aff! Quando eu namorava a Mayara não tinha essa pressão.
- Lu fala: Que isso miga? Não tem nada a ver com namorar homem ou mulher. Pô, o Yudi não pode ficar insistindo desse jeito. Acho que a gente tem que transar quando tá pronta, quando tá afim.
- Chris responde: Ai ai... é (MEU CORPO, MINHAS REGRAS, 2018)

Após a conversa com sua amiga, Chris chama Helena para conversar no banheiro.

Figura 12: Chris e Helena conversando no banheiro



Fonte: Cena retirada do Canal Childhood Brasil (2018).

- Chris pergunta: Helena, você tem tipo... é, um minutinho para a gente conversar?
- Helena responde: Claro! Pera só um pouquinho. O Aquiles!!
- Aquiles diz: Tô aqui.
- Helena diz: Os meninos estão aprendendo fração dá pra você dá uma força aqui pra eles?
- Aquiles: Opa! O da fraldinha aqui também é craque em fracionar, né?
- Helena para Chris: Vamos?
- No banheiro
- Chris fala: Então Helena é tipo isso. Daqui a pouco a gente vai sair pra dá uma volta.
- Helena pergunta: E você acha que ele vai tocar no assunto do sexo de novo?
- Chris fala: A... eu acho que sim, né. Ele não para de falar disso sabe, o tempo todo. Só que.. sei lá, eu nem sei se eu to pronta.
- Helena responde: Chris, tem uma frase que resume tudo: Meu corpo, minhas regras. Você que tem que decidir quando tá pronta. O Yudi ou qualquer outra pessoa precisa entender e respeitar o seu momento e escolha.
- Chris diz: A..aé. Eu sei, mas cê sabe. Lá na escola a galera só fica falando sobre transar e eu fico mó mal de parecer de fora disso, sei lá.
- Helena fala: Mas, não deveria. Cada um tem o seu tempo. Se não for a hora, não é. E se for, tcharam.. ( Tcharam é usando quando aparece o preservativo na cena)
- Chris diz: Valeu Helena! Eu posso não ter muita certeza, mas ó tcharam. Aí é ele, valeu Helena, cê me deu mó força.
- Helena diz: Vai lá. Divirta-se! E lembre-se: Meu corpo...
- Chris completa: Minhas regras. (MEU CORPO, MINHAS REGRAS, 2018)

Por meio dos diálogos do episódio a definição de que a mulher é dona da sua própria vontade, autonomia e liberdade são propagadas. É observado isso na fala de Helena ao afirmar “Chris, tem uma frase que resume tudo: Meu corpo, minhas regras. Você que tem que

decidir quando tá pronta. O Yudi ou qualquer outra pessoa precisa entender e respeitar o seu momento e escolha.” (MEU CORPO, MINHAS REGRAS, 2018). Diante disso, o repúdio ao domínio, a insistência do outro em ter relações sexuais para crianças, e adolescentes, a informação é parte dos processos de educação para sexualidade, pois o que se propõe é que os sujeitos possam compreender que, em se tratando do seu corpo e do seu desejo, suas vontades devem vir primeiro, mesmo com toda pressão em torno disso.

Na sociedade brasileira é comum encontrar, de forma naturalizada na cultura, apologias, prioritariamente para as mulheres, em que o seu desejo e suas vontades não as pertence. A música “Vai, faz a fila” do Mc Denny (2018) apresenta em sua letra a seguinte fala “Vou socar na tua buceta sem parar. E se você pedir pra mim parar, não vou parar.” Como também, a música “ Eu vou pegar você e tãe”, de Munhoz e Mariano (2016):

Mas se um dia você vacilar e eu chegar bem perto de você  
 Vou prender você na minha rede  
 Você vai ver o que é que eu vou fazer  
 Eu vou pegar você e tãe tãe tãe tãe  
 Eu vou morder você todinha  
 Eu vou pegar você e tãe tãe tãe tãe  
 Vou dar tapinha na bundinha (MUNHOZ; MARIANO, 2016)

Ora, as músicas são artefatos culturais repletos de pedagogias, assim como desenhos, filmes, músicas, jogos, etc. Todos exercem um papel na constituição dos sujeitos. Andrade e Costa (2013, p. 2) explicitam que “A pedagogia não é, então, privativa das práticas escolares, religiosas e familiares. Há hoje uma proliferação e pluralização das pedagogias, expressão de um refinamento das artes de governar, regular e conduzir sujeitos”. Sendo assim, as músicas expostas acima apresentam pedagogias culturais que afirmam a cultura da violência sexual, tornando naturais essas experiências. Desnaturalizar esses comportamentos, como a insistência em sujeitar o outro em ter relações sexuais e às suas vontades, são medidas de prevenção às violências sexuais, temática abordada no episódio.

A fala de Chris para Helena no banheiro “A.. a é. Eu sei, mas cê sabe. Lá na escola a galera só fica falando sobre transar e eu fico mó mal de parecer de fora disso, sei lá.” (MEU CORPO, MINHAS REGRAS, 2018), demonstra como o peso do social influencia na subjetividade das pessoas, criando meios para se (re)produzir violências. Diante disso, o episódio traz através da fala de Helena, especificamente para as mulheres que passam pela

desigualdade de gênero, “Mas, não deveria. Cada um tem o seu tempo. Se não for a hora, não é. E se for, tcharam.” (MEU CORPO, MINHAS REGRAS, 2018). Na fala, observamos que a importância está em se sentir segura(o), respeitar seus próprios desejos e lembrar-se “Meu corpo, minhas regras”.

Para a prevenção às violências sexuais, é essencial que todas as crianças e adolescentes sejam educadas/os para a compreensão de que o exercício da sexualidade envolve usufruir o direito de escolha, da decisão informada sobre seu corpo e que precisa ser respeitado e tomado como objeto de reflexão pelo próprio sujeito.

### **Primeira temporada - Episódio 11: Amores e relações abusivas**

O episódio *Amores e relações abusivas* retrata as múltiplas formas de abuso nas relações humanas, buscando conscientizar sobre os sinais de relacionamentos abusivos. Segundo Santos, Sanchotene e Vaz (2019, p.124) “Em linhas gerais, o conceito de relacionamento abusivo frisa a violência psicológica e emocional em relações afetivas.”. Como também, Barreto (2018) argumenta que

As relações abusivas, o poder está no cerne da questão, ela demonstra a desigualdade existente entre as forças do abusador e do sujeito que sofre o abuso. O poder é então uma via pela qual a força física ou simbólica será aplicada, no intuito de atingir determinado objetivo.” (BARRETO, 2018, p.143).

Desta forma, os comportamentos abusivos nas relações humanas assumem diversas formas, incluindo o abuso emocional, verbal, físico e até mesmo o financeiro. O cerne dessas relações tóxicas reside na dinâmica de poder desequilibrada, na qual um dos parceiros exerce controle excessivo e manipulação sobre o outro. Entre os comportamentos abusivos muitos não são detectáveis facilmente, por exemplo, na cultura são normalizadas e reproduzidas relações tóxicas nas produções da Disney que já são inseridas desde a infância no cotidiano.

“A Bela e a Fera” narra a história, segundo os autores, de uma menina caridosa que para salvar seu pai se dispõe a ficar em um castelo com um monstro. Ambos se apaixonam e assim, Bela descobre que a fera era um príncipe. Todavia, fora dos comportamentos abusivos normalizados na cultura o filme/conto retrata a história de uma moça que para salvar seu pai é obrigada a permanecer em um castelo, do qual tenta escapar mais de uma vez, estando do aprisionada com um mostro que a assusta. Não obstante, a mudança de comportamento da

fera só muda, pois ele deseja ser príncipe novamente, quebrar o encantamento sobre ele. É por meio da manipulação da Fera que a Bela se apaixona por seu sequestrador. Contudo, o conto/filme utiliza de instrumento que auxilia a normalizar essa relação tóxica, a qual se não for desnaturalizada poderá ser internalizada pelas crianças desde cedo. Por exemplo, a cena abaixo é exposta no filme e apresenta a Fera esmurrando a porta e ameaçando para que Bela venha jantar, obrigando-a a fazer sua vontade.

Figura 13: Fera soqueado a porta de Bela



Fonte: Cena retirada do Canal Kids desenho (1991).<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Cena disponível no Youtube pelo link < <https://www.youtube.com/watch?v=YBc849Lx9QQ> >

Figura 14: Fera gritando com Bela



Fonte: Print retirado do site Hollywood (2016).<sup>9</sup>

Em contraponto, o episódio *Amores e relações abusivas* visa promover a reflexão sobre o valor do respeito e do respeito mútuo nas relações amorosas, desnaturalizando os comportamentos abusivos. Ademais, como meio de educar, discorre que nas relações de gênero a mulher, em grande maioria, é a vítima das relações abusivas em associação ao homem. Diante disso, o episódio procura esclarecer atitudes, comportamentos abusivos que servem de alerta para as mulheres e para os homens, como forma por em estado de alerta suas atitudes e postura.

A cena a seguir envolve Chris e sua amiga Paula, após Chris terminar seu relacionamento com Yudi. Ora, Yudi vinha demonstrando comportamentos abusivos, o que fez Chris não se sentir à vontade em permanecer no relacionamento. Chris, ao conversar com sua amiga, percebeu que a mesma não reconhecia atitudes abusivas e tenta alertá-la.

---

<sup>9</sup> Matéria disponível no site “<https://www.hollywood.com/movies/does-disneys-beauty-and-the-beast-glamorize-domestic-violence-60662715>”

Figura 15: Diálogo Chris e Paula



Fonte: Cena retirada do Canal Childhood Brasil (2018).

Sobreleva algumas falas:

- Paula pergunta: Que foi? Brigou com o Yudi?
- Chris responde: É. A gente terminou e agora ele fica me ligando.
- Paula pergunta: Ué, terminou por quê?
- Chris responde: Ah, ele estava sendo mega babaca. Começou a ter uns surtos de ciúmes, nada a ver. Tava mó possessivo. A gente começou a transar faz um tempinho, só que ele nunca queria usar camisinha, sabe? Aí chega uma hora que começou a não me fazer bem.
- Paula fala: Ah Chris, o que é isso! O que tem transar sem camisinha? Tem contei do Edson?
- Chris pergunta: Quem?
- Paula fala: O Edson, aquele advogado bonitão com quem eu estou saindo. Um cara maduro, me leva para restaurantes, paga a conta...
- Chris pergunta: E...?
- Paula fala: Ah o cara não é moleque. Sabe das coisas, sabe agradar uma mulher.
- Chris diz: Ata amiga. O cara é bonito, tem grana, é bom de cama. Mas, camisinha que bom, nada. É isso?
- Paula diz: Nem. O Edson odeia, mas posso te contar uma coisa? Ele nem é bom de cama.
- Chris diz: Ai Paula, socorro!
- Paula fala: Ah às vezes nem dá vontade de transar sabe? Mas, ai eu transo só pra agradar, né!
- Chris diz: Oi?
- Paula responde: E ainda finjo que estou gostando.
- Chris responde: Você pirou? Como assim você transar quando não está afim? E sem camisinha?
- Paula fala: Ah, não se preocupa não miga. Ele é ótimo! Tô super in love e posso ser sincera? Eu acho que você tá marcando de terminar com o gatinho

- do Yudi. Normal homem ter ciúmes, não querer usar camisinha.  
 – Chris responde: Não, não é normal! Quem se recusa a usar camisinha não te respeita. A gente está falando de saúde, de vida e ainda mais com essa coisa de achar que é dono de você.  
 – Paula diz: É...  
 – Chris continua: Paula, amor não é propriedade. Pense em você amiga.  
 – Paula diz: Tá. (AMORES E RELAÇÕES ABUSIVAS, 2018)

Assim como o episódio nove, *Meu corpo, Minhas regras*, este episódio destaca o respeito à sua própria vontade e em como as relações de poder estão implicadas nas relações de gênero. Francisco Cabral e Margarita Diaz (1998, p. 1) definem que “As relações de gênero são produto de um processo pedagógico que se inicia no nascimento e continua ao longo de toda a vida (...)”. Por isso, segundo o autor e a autora, dentro destas relações, em determinada cultura, são produzidas expectativas, ensinamentos e projeções, demarcadas por “relações sociais desiguais” (CABRAL; DIAZ, 1998, p. 1).

Sobre essas construções, Castro e Ferrari (2017) argumentam que,

As relações de gênero e seus embaralhamentos com as sexualidades são fortes organizadores sociais e nos educam nos nossos processos de subjetivação. São processos ancorados em saberes e relações de poder que são fortalecidos ao longo dos anos, de maneira que são acionados como “naturais” em situações em que servem para explicar e dar lugar para aquilo que nos rodeiam. (CASTRO; FERRARI, 2017, p. 82).

Portanto, as relações de gênero e sexualidades educam no processo do indivíduo de se reconhecer como sujeito (CASTRO; FERRARI, 2017). Logo, a construção social, que carrega vestígios da história (MISKOLCI; JORGE, 2014), aponta em si discursos, costumes e concepções que influenciam com seus reflexos nas relações de gênero e sexualidades, alcançando o indivíduo e o educando nos comportamentos, concepções, formas de agir e compreender.

Guacira Lopes Louro (2008, p. 22) corrobora com essa concepção, argumentando que “Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis (...)”. Tais saberes permitem observar como os discursos circulam no meio social e ajustam o olhar da sociedade para suas convicções de gênero e sexualidade. Por isso, para se pensar gênero e sexualidade é essencial olhar pelas lentes da cultura e pela bagagem histórica, pois, por meio deles que se compreenderão as construções ligadas ao gênero e à sexualidade.

Nesse sentido, o episódio identificou os discursos nas relações de gênero predominantes na cultura a fim de apontar para desnaturalização, disposto que os indivíduos reflitam e não somente reproduzam tais menções. Por exemplo, em duas falas, a primeira de Chris, há um padrão cultural do gênero masculino que reitera comportamentos tóxicos, não priorizando o respeito mútuo: “Ah, ele estava sendo mega babaca. Começou a ter uns surtos de ciúmes, nada a ver. Tava mó possessivo. A gente começou a transar faz um tempinho, só que ele nunca queria usar camisinha, sabe? Aí chega uma hora que começou a não me fazer bem.” (AMORES E RELAÇÕES ABUSIVAS, 2018). Além disso, a série lista os comportamentos abusivos, dando oportunidade que possíveis vítimas identifiquem as ações tóxicas. A outra fala é de Paula, que continua a reiterar uma construção cultural de gênero: “Ah, não se preocupa não miga. Ele é ótimo! Tô super in love e posso ser sincera? Eu acho que você tá marcando de terminar com o gatinho do Yudi. Normal homem ter ciúmes, não querer usar camisinha.” (AMORES E RELAÇÕES ABUSIVAS, 2018). Jane Felipe (2000) versa a diferença culturalmente demarcada nas relações de gênero, expondo que

É possível perceber o quanto as meninas e mulheres deveriam ser comedidas, recatadas, não podendo manifestar alegria ou espontaneidade. Ao contrário, deveriam dissimular seus sentimentos, parecendo a tudo consentir e calar. (FELIPE, 2000, p. 117).

Já, por outro lado, culturalmente, Cabral e Diaz (1998) expõem que:

Pelo contrário, os meninos brincam em espaços abertos, na rua. Eles jogam bola, brincam de carrinho, de guerra, etc. Ou seja, desde pequenos eles se dão conta que pertencem ao grupo que tem poder. Até nos jogos os meninos comandam. Ninguém os manda arrumarem a cama, ou lavarem a louça, eles são incentivados a serem fortes, independentes, valentes. (CABRAL; DIAZ, 1998, p. 1).

Diante disso, enxerga-se a clara separação dentro das relações de gênero unida às sexualidades, como relações de poder que vão sendo construídas ao longo dos anos, ditadas pela cultura e pelos saberes produzido pelo corpo social. Por isso, na fala de Paula é tão comum para ela ceder a vontade do homem, mesmo que isso a desrespeite. Sendo assim, o episódio expõe o lado desrespeitoso, tóxico e evidencia o lado positivo e respeitoso para o seu público por meio das falas de Chris:

- Paula fala: Ah, não se preocupa não miga. Ele é ótimo! Tô super in love e posso ser sincera? Eu acho que você tá marcando de terminar com o gatinho do Yudi. Normal homem ter ciúmes, não querer usar camisinha.
- Chris responde: Não, não é normal! Quem se recusa a usar camisinha não te respeita. A gente está falando de saúde, de vida e ainda mais com essa coisa de achar que é dono de você.
- Paula diz: É...
- Chris continua: Paula, amor não é propriedade. Pense em você amiga.
- Paula diz: Tá. (AMORES E RELAÇÕES ABUSIVAS, 2018).

Dessa forma, as crianças e adolescentes que são educadas/os por este artefato, podem reconhecer possíveis atitudes de desrespeito, como: se sujeitar a fazer algo fora da sua vontade, ser obrigado/a a seguir a vontade do outro, ser propriedade do outro, ser vítima de ciúmes possessivo, entre outros. E, também as atitudes que são positivas as quais, são ao contrário das listadas anteriormente, priorizam o respeito mútuo, moldando sua forma ser.

Para mais, após o diálogo de Chris com sua amiga Paula, Yudi aparece para conversar com Chris.

Figura 16: Diálogo Chris e Yudi



Fonte: Cena retirada do Canal Childhood Brasil (2018).

- Yudi fala: Oi...
- Chris responde: Hã. E aí tá com ciúmes da Paula também?
- Yudi responde: Chris, na boa eu ando muito confuso, você sempre vê as coisas muito clara. Mas, eu... não sou assim.
- Chris responde: Mas, eu sou Yudi.
- Yudi fala: Eu sei, eu sei. Eu te acho incrível. Mas, meus amigos começaram a me zoar, falar que eu sou bundão que eu não apito em nada que eu tinha que pegar outras minas, essas coisas sabe. E aí eu comecei a ficar inseguro.
- Chris pergunta: Você precisava levar esses caras a sério? Você não tava me

respeitando.

– Yudi responde: É, foi mal. Eu sei que eu comecei a agir que nem um idiota, mas eu não sou assim. Eu tô tentando mudar. Na verdade eu tô aqui para te pedir desculpa.

– Chris responde: Tá, tá. Valeu. Mas, sei lá. Nunca achei que alguém que gostasse de mim pudesse agir assim. Tô precisando de um tempo, mesmo.

– Yudi responde: Tá, tudo bem. Eu vou respeitar. Assim eu te mostro que eu posso ser diferente.

– Chris responde: Legal Yudi! Bola pra frente! A gente se vê. (AMORES E RELAÇÕES ABUSIVAS, 2018).

Diante das falas, podemos dialogar com Louro (1997, p. 21) a qual nos diz que “Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.”. Diante disso, percebe-se que os discursos produzidos pela cultura nas relações de gênero influenciam os homens no seu próprio grupo a manter determinadas ações machistas e abusivas, como os comportamentos abusivos, violentos de Yudi já listados no texto. A cultura contribui com a produção do agressor. A mesma cultura não prevê mecanismos de transformação para o agressor, de modo que ele se torna recorrente. Assim, mesmo quando acontece alguma violência, as mulheres são julgadas como provocadoras dele, porque a masculinidade na cultura é superior às feminilidades. Por isso, na cena destacada, Paula julga Chris por terminar o relacionamento com o Yudi, por ele não querer fazer uso do preservativo. Sobre essa questão, Ávila (2017, p.107) destaca: “Muitas vezes, esses atos evidenciam uma masculinidade que para se sustentar precisa subjugar, oprimir e violentar as feminilidades.”

Todavia, as expectativas entorno do homem atuam naturalizando comportamentos, frequentemente, em bases argumentativas biológicas e essencialistas. Isso faz com que a construção das masculinidades seja ocultada enquanto processo. É como se os homens já nascessem como são, o que justifica e torna difícil de questionar o exercício de relações hierárquicas de poder e as violências. Assim como argumenta Ávila (2017, p.115), “Por muito tempo, os meninos foram ensinados que, quando a menina diz, “não” é porque quer dizer, “sim”.” O caminho dessa cultura é a reprodução da violência.

Yudi relata a pressão de seguir a masculinidade defendida por parte dos amigos. Embora ele reconheça que é uma atitude errada para se manter de acordo com o modelo valorizado pelos amigos do que é ser “homem”, mudou seus comportamentos no relacionamento com Chris. Como exposto na fala de Yudi: “Eu sei, eu sei. Eu te acho incrível. Mas, meus amigos começaram a me zoar, falar que eu sou bundão que eu não apito em nada

que eu tinha que pegar outras minas, essas coisas sabe. E aí eu comecei a ficar inseguro.” (AMORES E RELAÇÕES ABUSIVAS, 2018). A série, ao externar a pressão sofrida por Yudi, também educa os garotos, na perspectiva de que não são obrigados a seguir a pressão do padrão imposto, conscientizando, primordialmente, em ter respeito aos outros, no caso aos seus parceiros. A informação é passada pelas falas a seguir:

- Chris pergunta: Você precisava levar esses caras a sério? Você não tava me respeitando.
- Yudi responde: É, foi mal. Eu sei que eu comecei a agir que nem um idiota, mas eu não sou assim. Eu tô tentando mudar. Na verdade eu tô aqui para te pedir desculpa.
- Chris responde: Tá, tá. Valeu. Mas, sei lá. Nunca achei que alguém que gostasse de mim pudesse agir assim. Tô precisando de um tempo, mesmo.
- Yudi responde: Tá, tudo bem. Eu vou respeitar. Assim eu te mostro que eu posso ser diferente. (AMORES E RELAÇÕES ABUSIVAS, 2018)

Por meio deste episódio, a prevenção a violência sexual se dá por meio do reconhecimento de atitudes tóxicas. Ambos os gêneros são educados ao respeito mútuo nas relações humanas, compreendendo quais ações são corretas e quais ações não devem ser praticadas. Sendo assim, em qualquer sinal de ações abusivas que a vítima seja capaz de reconhecer e possível agressor a reconhecer e reformular suas atitudes.

### **Segunda temporada- Episódio 1: Sharenting**

No episódio *Sharenting*, a série explora os impactos do compartilhamento de informações e imagens pessoais na internet, especialmente quando envolve crianças. O termo *sharenting*, segundo Cataldo (2022, p. 1) diz respeito a “uma tendência da internet em que os pais relatam informações detalhadas ou postam repetidamente fotos, vídeos e outros conteúdos sobre seus filhos nas mídias sociais.”. Posto isso, o episódio discute os possíveis riscos e consequências do *sharenting* e enfatiza-se a magnitude de proteger a privacidade e a segurança das crianças nessa ‘era tecnológica’.

A sociedade contemporânea está atravessada pelo uso da tecnologia. Hoje, o celular, computador e as redes sociais fazem parte do dia-a-dia da população, por meio deles as crianças e adolescentes possuem acesso a uma gama de artefatos. De acordo com os dados da pesquisa Tic Kids (2021), 99,3% das crianças e adolescentes no ano de 2021 utilizaram dispositivos para conectar-se na internet. O elevado índice expõe como as tecnologias estão

presentes no cotidiano, neste século.

Em face do exposto, as mídias estão em evidência na sociedade contemporânea e são fortes produtoras de conhecimento que educam a visão do corpo social. Andrade (2017, p. 14) argumenta que os artefatos culturais midiáticos “produzem saberes, produzem condutas e práticas. Possuem capacidade de modelar nosso olhar e colaboram para a produção de nossas subjetividades.”. Na mídia, pode-se observar em programas de palco a mulher como objeto de desejo; também na moda, ainda mais com o avanço tecnológico que tem possibilitado a troca de informações de maneira acelerada, é possível ver a erotização infantil por meio das propagandas das roupas. Andrade e Costa (2013, p. 10) expõem que, por meio dos artefatos culturais, “cria-se um universo de imagens atraentes que constantemente, e de maneiras sedutoras, convocam os sujeitos ao consumo”. Silva e Sá-Silva (2019) também alertam sobre os efeitos do consumo produzido pelos artefatos, analisando que

O consumo vem produzindo corpos úteis, os quais precisam estar moldados para conquistar, ser incluídos, desejados, possuídos, amados e investidos. É interessante notar como essas representações do corpo têm afetado as crianças, provocando uma ruptura entre a fase infantil e adulta. (SILVA; SÁ-SILVA, 2019, p. 616).

Apesar de a sexualidade estar presente desde cedo na vida de todos os indivíduos, na infância existem cuidados que necessitam ser assegurados, visando ao bem-estar das crianças. Assim, a erotização expõe os corpos infantis como objetos de consumo e de possível investimento sexual, o que pode vulnerabilizá-las. Jane Felipe (2006) argumenta que há um incentivo para a exibição aos corpos infanto-juvenis, em artefatos culturais, “como desejo de sedução” (p. 208) e ainda mais alerta que

(...) a sociedade brasileira tem utilizado bastante essa prática de exibição dos corpos através de inúmeros mecanismos e artefatos culturais veiculados principalmente pela mídia. Talvez não seja por acaso que, nos últimos anos, índices significativos de meninas estejam iniciando cada vez mais cedo sua vida sexual ativa. (FELIPE, 2006, p. 08).

Não obstante, Felipe (2006) alerta como os artefatos culturais propagam a ideologia do corpo erotizado, colocando em ação as “pedagogias da sexualidade” (p. 217). Considerando essa relação entre artefatos culturais e produção de corpos infantis erotizados, é

necessário dialogar sobre a crescente pedofilização, conceito denominado por Felipe (2006), sendo:

(...) intuito de pontuar as contradições existentes na sociedade atual, que busca criar leis e sistemas de proteção à infância e adolescência contra a violência/abuso sexual, mas ao mesmo tempo legitima determinadas práticas sociais contemporâneas, seja através da mídia – publicidade, novelas, programas humorísticos –, seja por intermédio de músicas, filmes, etc., onde os corpos infanto-juvenis são acionados de forma extremamente sedutora. São corpos desejáveis que misturam em suas expressões gestos, roupas e falas, modos de ser e de se comportar bastante erotizados. (FELIPE, 2006, p. 216).

Desta forma, a prática do *Sharenting* pode estar relacionada aos processos de pedofilização social contemporâneos, para além dos modos como os corpos das crianças são expostos intencionalmente com o intuito de consumo. Familiares, ao exporem crianças em vídeos e fotografias nas redes sociais, podem contribuir com o que nos alerta o Episódio da série: a quebra de sentidos de privacidade relacionados aos corpos das crianças. Isso pode estar presente na associação de crianças a situações e objetos adultos ou o inverso, a associação de pessoas adulta a símbolos infantis, como argumentam Silva e Sá-Silva (2019):

O fetiche funciona como algo sedutor, envolvido por gestualidade e delicadezas provocantes e sensuais. Esses fetiches eróticos são representados geralmente por objetos, roupas que lembram a infância, os quais são utilizados com frequência por modelos e profissionais do ramo pornográfico, incitando homens e mulheres a consumir produtos e serviços eróticos com símbolos e significados infantis. (SILVA; SÁ-SILVA, 2019, p. 620-621).

Segundo Silva e Sá-Silva (2019, p. 616-617) é possível perceber que o “avanço acelerado das mídias e das redes sociais vêm contribuindo para a exposição frequente dos corpos adultos e infantis em meio à publicidade. Observamos que esse impacto tem influenciado meninos e meninas a se comportarem de forma adultizada.”. Nas práticas de *Sharenting*, as crianças podem, justamente, serem expostas em contextos e situações adultizadas, contribuindo para a produção de corpos infantis consumíveis, como nos lembra Felipe (2006).

Felipe (2006, p.221-222) nos chama atenção para o fato de que tal exposição dos corpos infantis incide especialmente nas imagens com a concepção de ‘meninhas’,

‘novinhas’, direcionadas ao olhar do homem heterossexual, como se fosse para saciá-lo, construindo a ideia de que esses sujeitos possuem uma ‘sexualidade mais animalesca’, indomável, que precisa ser saciada. Como argumenta a autora, as pedagogias culturais subjetivam as meninas e adolescentes que “para serem desejadas, amadas, valorizadas, precisam se comportar de determinada forma, que o poder das mulheres está constantemente referido e atrelado à sua capacidade de sedução, que passa por um belo corpo e a utilização deste como performático.” (p.221-222). E isso pode estar relacionado às práticas de *Sharenting*.

Desse modo, o episódio se dedica a conscientizar sobre a privacidade das crianças e adolescentes, expressando o perigo da exposição, considerando, como já abordado, que há uma crescente pedofilização (FELIPE, 2006) que coloca as crianças e adolescentes como objetos de consumo.

Na cena a seguir, após um vídeo de Ariel fazer sucesso nas redes sociais, Aquiles deseja manter o comportamento tirando fotos e vídeos do Ariel para postar nas mídias sociais. Ariel não está se sentindo à vontade. Diante disso, Thainá intervém, explicando que é importante respeitar a privacidade das crianças.

Figura 17: Cena de diálogo com Aquiles, Thainá e Ariel



Fonte: Cena retirada do Canal Futura (2021)<sup>10</sup>.

Acentuam-se algumas falas:

<sup>10</sup> Canal disponível no link: < <https://youtu.be/fMOFVxWSPeQ> >

– Aquiles fala: Olha só Ariel! Olha você aqui. Tá fazendo um baita sucesso na internet, filhote. Dá mais uma risadinha pro papai, dá? Vamos mostrar pro mundo todo quem tem a risada mais gostosa de todas. Você vai ganhar um monte de curtidas, vamos lá filhote!

– Thainá pergunta: O que você está fazendo?

– Aquiles responde: Tô tentando fazer o Ariel rir de novo. O vídeo que eu postei com a risada dele bombou e já tão pedindo mais, o Ariel pode ser influencer, imagina ?!

Thainá fala: Mas, o Ariel não tá gostando não, olha como ele está desconfortável. Ariel é pequeno, mas já tem vontade própria, dá pra ver que ele não tá gostando não. Além disso, as crianças têm o direito à privacidade, não é porque são pequenos que os adultos podem ficar postando fotos e vídeos deles sem que eles queiram.

– Aquiles fala: Ah, mas não é nada demais, fora que mais tarde ele vai adorar ter esses vídeos engraçadinhos.

– Thainá fala: Mas, não é bem assim, sabe essa foto aqui ?

– Aquiles fala: Claro, a gente adora essa foto. Você não ?

– Thainá fala: Eu gosto sim, mas entre a gente. Minha mãe resolveu postar na internet sem falar comigo antes, lembra ? O pessoal da turma viu e fez um monte de piadinhas que me deixaram morrendo de vergonha e de raiva , foi horrível. Adultos tem responsabilidades de respeitar as crianças não importa a idade delas, expor a gente assim pode causar muito constrangimento, mesmo!

– Aquiles: Poxa... eu nunca tinha pensado desse jeito. ( *SHARENTING*, 2021)

O episódio alude a uma temática significativa para desenvolver os conceitos de respeito às crianças, educação digital e a própria prevenção às violências. Como já exposto, as mídias, redes sociais, artefatos em geral estão constituídos de pedagogias e na sociedade contemporânea o seu uso tornou-se diário, entretanto grande parte das referências, narrativas produzidas nesses campos, como apresentado no texto, apelam para a pedofilização (FELIPE, 2006), expondo crianças e adolescentes a uma rede de violências, como a violência sexual. Diante disso, promover a educação digital é tão importante nesse cenário para a prevenção às violências, visto que hoje a internet é o principal instrumento utilizado por violentadores/as e que as crianças e adolescentes possuem o acesso a essa camada de informações e estão suscetíveis a possíveis crimes (PRESTES e FELIPE, 2015, p. 8 -13).

Além disso, é afirmado no episódio que a criança, independentemente da idade, deve ser vista com um olhar de respeito, digna à sua privacidade e não como forma de dominação. A fala de Thainá explicita essa concepção

Thainá fala: Eu gosto sim, mas entre a gente. Minha mãe resolveu postar na internet sem falar comigo antes, lembra ? O pessoal da turma viu e fez um monte de piadinhas que me deixaram morrendo de vergonha e de raiva , foi horrível. **Adultos tem responsabilidades de respeitar as crianças não**

**importa a idade delas**, expor a gente assim pode causar muito constrangimento, mesmo! (*SHARENTING*, 2021).

Zeifert e Paplowski (2023) argumentam que há um pensamento na sociedade que julga que os adultos são melhores que as crianças e adolescentes, por esse motivo, o respeito para este público transforma-se em inferior às vontades do adulto. Segundo Zeifert e Paplowski (2023, p. 144) “Tanto é assim que o elogio que parece ser mais interessante de se dizer à criança é de como ela é grande. (...) O grande é que impressiona, aparentando que somente o avantajado é merecedor de respeito, orgulho, admiração e estima.”. Todavia, a fala de Thainá na cena destacada anteriormente contesta essa ideologia, afirmando que as crianças merecem ser respeitadas, ter sua vontade considerada. Zeifert e Paplowski (2023, p. 145) analisam que “A criança merece e deve ser respeitada porque ela já é o tempo e o momento, a vida, a sociedade, a família.”. Quando esse direito não é praticado ou considerado como direito, as crianças e adolescentes sofrem ações de controle e dominação por parte dos adultos em meio às relações de poder que julgam ser superiores, mais fortes, mais inteligentes e dessa forma, sua vontade predomina. Contudo, percebe-se como no episódio, Ariel já não se sentia à vontade com as atitudes de seu pai, ele já possuía suas próprias vontades. Entender a criança como um ser incompleto, inferior, não digno de respeito não colabora para a prevenção às violências sexuais, já que nesse ponto de vista, criança e adolescente devem fazer tudo que o adulto quer e não são todos os adultos que pensam no bem-estar dos pequenos.

Em razão disso, o episódio procura educar as crianças e adolescentes para que compreendam seus direitos de respeito e liberdade de expressão, pois, quando a criança cresce com esse autoconhecimento, ela percebe melhor situações que a desrespeitem em seu entorno. É mais uma chance para se proteger das violências. E também conscientizar os adultos sobre os direitos dos seus filhos/as, netos/as, primos/as, sobrinhos/as, irmãos/ãs e etc. para assim repensar suas ações, assim como Aquiles repensou: “Poxa... eu nunca tinha pensado desse jeito.” (*SHARENTING*, 2021).

### **Segunda temporada- Episódio 6: Aliciamento de crianças e autoproteção**

O episódio *Aliciamento de crianças e autoproteção* levanta a temática da realidade do aliciamento de crianças. No episódio, a série procura alertar sobre os perigos desse aliciamento, tanto on-line quanto off-line, fornecendo orientações sobre como as crianças podem se proteger, identificar sinais de perigo e buscar ajuda. Sobre o tema, Lemos (2019)

alude que

O aliciamento sexual de menores em linha, ou grooming online, é, em termos gerais, o processo através do qual um adulto recorre a ferramentas digitais, como é o caso da Internet, telefones móveis, salas de conversação (chat) ou jogos em rede, para procurar ativamente o contacto com um menor com o objetivo de desenvolver com este uma relação e/ou comportamento sexualmente abusivo. (LEMOS, 2019, p. 1).

Por conseguinte, as crianças e adolescentes se tornam alvos do/a violentador/a, à medida que não tem acesso a processos de educação para a sexualidade e às orientações de proteção online, ficando desprotegidas/os de possíveis crimes de violência. Hamada e Sanchez (2007) comentam sobre o comportamento do/a violentador/a online:

Alguns pedófilos utilizam-se desses sites para iniciar o processo de aliciamento das crianças, seja de maneira direta ou disfarçada. Tais pedófilos apresentam-se como um tipo especial de criança com relação à idade, gênero, passatempos e interesses, de modo a atrair crianças de mentalidade equivalente. A partir do momento em que a criança responde, o processo de aliciamento ocorrerá em cinco estágios: a) formação da amizade; b) formação do relacionamento; c) avaliação do risco (por parte do pedófilo); d) exclusividade, em que a criança encontra-se presa à armadilha do pedófilo (ilusão de um relacionamento de amor e confiança mútuos); e) estágio sexual, consistente no aumento de introdução de material sexual (por meio de descrições verbais do pedófilo) e assim chegar à gratificação sexual por parte do pedófilo e o sentimento da criança em ser amada. Decorridos estes estágios, pode ocorrer ou não um encontro entre o pedófilo e a criança e, conseqüentemente, o aliciamento. (HAMADA; SANNCHEZ, 2007, p. 17)

Vale ressaltar que o uso do termo *pedófilo/pedofilia*, apesar de ser bastante comum no meio social, acaba sendo equivocado para fazer menção a crimes de violência sexual, pois, os termos possuem significado para explicar um transtorno no campo da Medicina. Silva e Sá-Silvia (2018, p. 8-9) explicitam que a pedofilia é caracterizada na Medicina como sendo um “tipo de perversão sexual de uma pessoa adulta ou adolescente por crianças pré-púberes”.

Diante do exposto, a série dá importância a temática atraindo e educando as crianças e adolescentes para que tenham a oportunidade de se proteger. No episódio analisado, Thainá, animada por ter mais seguidores/as nas redes sociais, inicia um novo projeto em que dá tutoriais sobre yoga. O seu plano dá certo, ela ganha muitos/as seguidores/as. Porém, muitos perfis desconhecidos chegam junto com sua popularidade, fazendo comentários que são

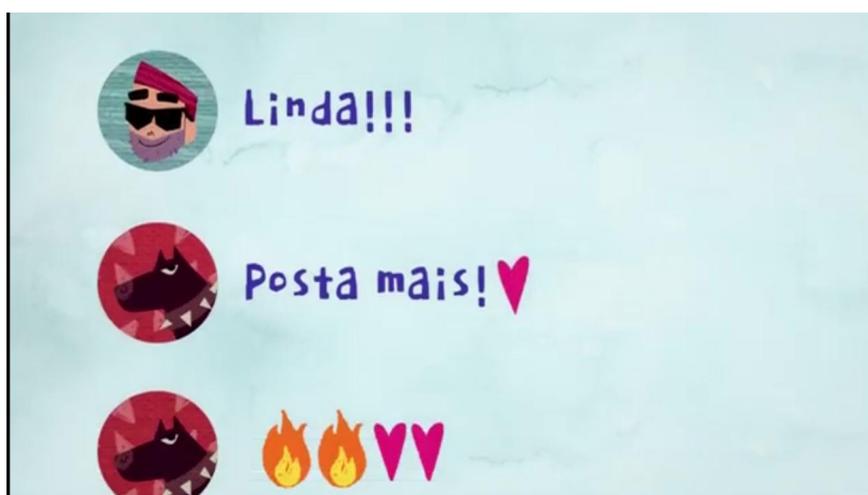
inoportunos. Sua mãe, Helena, ao observar as redes sociais da filha e os tipos de comentários e seguidores, chama Tainá para conversar e a alerta sobre os perigos das múltiplas violências que ela como mulher, jovem e negra pode sofrer.

Figura 18: Thainá observa os comentários de novos seguidores



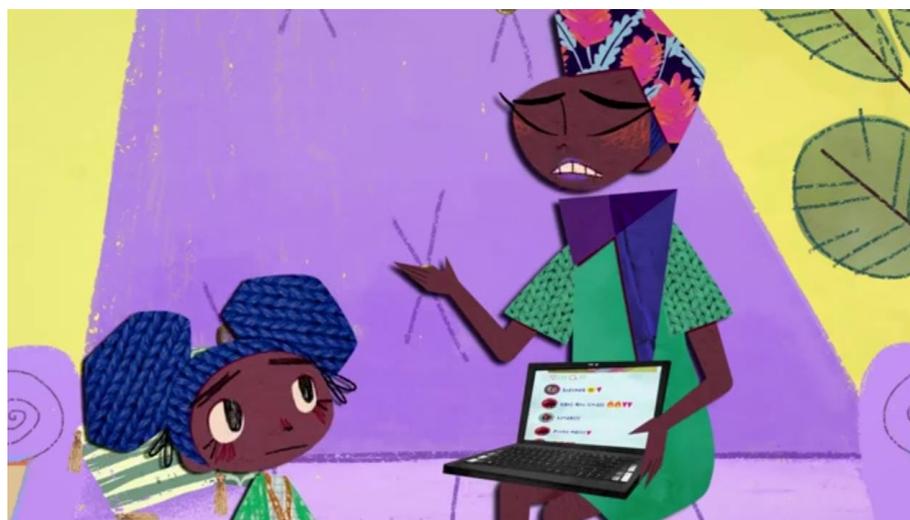
Fonte: Cena retirada do Canal Futura (2021)

Figura 19: Comentários dos novos seguidores de Thainá



Fonte: Cena retirada do Canal Futura (2021)

Figura 20: Diálogo entre Helena e Thainá



Fonte: Cena retirada do Canal Futura (2021)

Realçam-se algumas falas:

- Thainá fala: Oi galera! Hoje eu vou ensinar pra vocês um pouco de yoga. Vamos começar com as posições mais básicas.
- Thainá lê os comentários em voz alta: Adorei o tutorial! Linda! Ai que demais eu preciso fazer mais já! Nossa! Até gente que eu nem conheço está me seguindo, que bom!
- Helena pergunta: Filha, podemos conversar um minuto?
- Thainá responde: Claro, mãe.
- Helena fala: Você conhece as pessoas que estão comentando essas suas fotos?
- Thainá responde: Ah todo mundo não... Tem uns que são só uns fãs que nem os da Jana.
- Helena responde: Thainá, você precisa estar atenta ao que posta e principalmente pra quem posta, ou seja, quem pode ter acesso aos seus vídeos. E, você é jovem e negra como eu e por causa de racismo, machismo e histórico de abuso a gente acaba sendo um grande alvo de aliciadores online. Por isso, temos que saber nos proteger de pessoas que nos abordam com agressividade ou de um jeito malicioso sem que a gente tenha dado espaço pra isso.
- Thainá responde: Mas, eu vou ter que ficar me censurando por causa dos outros?
- Helena responde: Não! Você tem o direito de postar o que quiser com tanto que proteja sua imagem e seus dados pessoais. Existem várias maneiras de se informar sobre segurança e cidadania digital, como o programa seja incrível na internet do Google. E se você enfrentar algum problema pode consultar o Helpline da Safernet. Ele é um canal de atendimento ótimo pra te ajudar a se prevenir e também denunciar qualquer caso de violência online. Você pode usar ferramentas para bloquear comentários inapropriados e evitar interações que te deixem desconfortáveis. Além disso, você pode denunciar comportamentos que você acha inadequado.
- Thainá responde: Eu nem imaginava que isso podia acontecer comigo e acho que muitas meninas também não sabem. Mas, já sei como resolver isso.

(ALICIAMENTO DE CRIANÇAS E AUTOPROTEÇÃO, 2021)

Diante da sociedade de hoje, tão tecnológica, como foi discutido no episódio *Sharenting*, a internet tornou-se um campo de presença e atuação onde possíveis violentadores/as fazem uso. A fala de Thainá, após ler os comentários em sua rede social, demonstra um padrão atual pela busca de popularidade e de se encaixar na norma da fama: “Ai que demais! Eu preciso fazer mais já! Nossa! Até gente que eu nem conheço está me seguindo, que bom!” (ALICIAMENTO DE CRIANÇAS E AUTOPROTEÇÃO, 2021). Em reportagem veiculada pelo portal de notícias do Somos Jornal, Juju (2021, G.O.) reflete sobre a influência dos *digital influencers* nos comportamentos dos indivíduos. O termo influenciador digital/influencer ganhou visibilidade nos últimos anos para nomear as pessoas que utilizam suas redes sociais para influenciar opiniões. Todavia, segundo o portal de notícias,

De outro lado temos a superficialidade, aquelas que pagam qualquer preço para ganhar likes, não se preocupam e não possuem nenhuma responsabilidade quando postam. Desfilam seus sapatos e roupas caras, fazem questão de contar com qual idade ganharam seu “primeiro milhão”, despertam o desejo em jovens que não conseguem seguir aquele padrão de vida e logo, os transformam em pessoas frustradas. Aquela menina de apenas 12 anos que quer fazer preenchimento labial porque “fulana” fez, querem lipoaspiração, lipolad, rinoplastia, silicone, dançam e estimulam a sexualidade de pré-adolescentes e abaixam sem nenhuma empatia a autoestima de tantos jovens. Jovens que se sentem frustrados, que se sentem rejeitados, fora do padrão, e que em pouco tempo estão em clínicas precisando de terapia, fazendo uso de vários medicamentos como citei acima, depois de não ter conseguido ser como aqueles que eles acompanham e tem com ídolos. (JUJU, 2021)

Perante o exposto, adentrado a série, o comportamento de Thainá aparenta ser comum diante dessa realidade. Thainá fica feliz em ter seguidores/as, fica feliz em fazer parte do meio, não ser rejeitada. Nesse caso, a preocupação de Thainá não é com sua segurança e sim estar nesse meio, ela não tinha noção do perigo que ela poderia correr e isto para além da série pode ser um caso recorrente. A título de exemplo, segundo o portal de notícias BBC, Granchi (2023, s.p.) relata sobre o crime sofrido por Rafael, uma criança de 10 anos:

A criança, que teve seu nome real preservado pela reportagem, conheceu o usuário que usava no chat o codinome 'Pedro Dalsch', de 27 anos. Era, na

verdade, um predador sexual de Porto Alegre que acabaria preso três anos depois.

(...)

As conversas entre os dois migraram para outras plataformas virtuais, onde trocavam mensagens com frequência e o criminoso fazia solicitações sexuais para o menino por meio da câmera.

(...)

No caso de Rafael, o abuso foi descoberto quando o pai acessou as redes sociais da criança por meio do computador que ambos usavam. (GRANCHI, 2023)

De acordo com a notícia, o violentador utilizava um nome e avatar falso. Rafael não tinha noção do perigo que estava correndo. Por isso, como apresentado, somente após o pai acessar as redes sociais do filho, o crime foi descoberto. Não diferente de Thainá, que não estava atenta à sua segurança e ao perigo que poderia sofrer. Silva e Sá-Silvia (2018) argumentam que de acordo com o Código Penal Brasileiro (2009) e Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) existem tipos de crimes de violência contra crianças e adolescentes tipificados, sendo: “Abuso/violência sexual sem contato físico, (Violência/abuso sexual verbal, Exibicionismo, Pornografia infantil) e com contato físico, (Estupro, Corrupção de menores e Violação sexual mediante fraude.)” (SILVIA; SÁ-SILVIA, 2018, p. 9). Estes crimes acontecem diariamente e com os avanços tecnológicos e meios de comunicação, tais crimes ainda adentram o campo da internet. Ainda mais, com a ausência da educação para a sexualidade para prevenção de violências sexuais, as crianças ficam desprotegidas no ambiente virtual e também fora dele. Por esse motivo, a educação para a sexualidade necessita ser realidade.

No episódio Helena diz:

**Não! Você tem o direito de postar o que quiser com tanto que proteja sua imagem e seus dados pessoais.** Existem várias maneiras de se informar sobre segurança e cidadania digital, como o programa seja incrível na internet do google. E se você enfrentar algum problema pode consultar o Helpline da Safernet. Ele é um canal de atendimento ótimo pra te ajudar a se prevenir e também denunciar qualquer caso de violência online. Você pode usar ferramentas para bloquear comentários inapropriados e evitar interações que te deixem desconfortáveis. Além disso, você pode denunciar comportamentos que você acha inadequado. (ALICIAMENTO DE CRIANÇAS E AUTOPROTEÇÃO, 2021).

A fala da mãe não parece ser de censura, mas de informação e orientação para a proteção da filha. Helena não opta por dizer ‘não faça e ponto!’, ela orienta Thainá, o que é diferente. Apenas dizer não é pouco educativo nesse sentido, ou seja, crianças e adolescentes

podem não entender e encarar como um jogo de disputa sobre quem manda em sua vida. Por isso, Helena esclarece para Thainá os perigos que a cerca:

E, você é jovem e negra como eu e por causa de racismo, machismo e histórico de abuso a gente acaba sendo um grande alvo de aliciadores online. Por isso, temos que saber nos proteger de pessoas que nos abordam com agressividade ou de um jeito malicioso sem que a gente tenha dado espaço pra isso. (ALICIAMENTO DE CRIANÇAS E AUTOPROTEÇÃO, 2021).

Helena indica para Thainá que as violências também perpassam as relações ético-raciais, já que ambas são negras. Sobre essa questão, Messias e Amorim (2019) argumentam:

Sabe-se que, no Brasil, desde o período colonial, em razão da escravização, às mulheres negras eram impostos tratamentos draconianos, sendo as mesmas constantemente vítimas de violência física, moral, psicológica, sexual e patrimonial. (...) deveriam estar sempre à disposição de seu senhor. (MESSIAS; AMORIM, 2019, p. 13).

Por conseguinte, na sociedade contemporânea, a mulher negra é vista, muitas das vezes, de forma sexualizada. Posto isto, Helena frisa que mesmo não dando espaço para os violentadores, se proteger necessita fazer parte do cotidiano, visto que a violência está em circulação na sociedade.

A série aproxima mais a família destes debates, sendo frequentemente eles a rede de confiança para as crianças e adolescentes. Para os responsáveis que possam ter contato com a série, a maneira como a família Vila Cesar conversa pode promover mais diálogo no ambiente familiar, auxiliando na prevenção às violências sexuais. Todavia, Jane Felipe (2006) discorre que a partir do século XVIII as crianças passaram a ser vistas como inocentes e vulneráveis, acarretando uma visão de infância ligada à inocência e que deveria ter a proteção para assuntos acerca da sexualidade. Diante disso, para as famílias que encontram dificuldades, a série aponta ações como monitoramento/educação por meio do aplicativo e cartilha.

### **Terceira temporada - Episódio 4: O perigo das palmadas**

O episódio *O perigo das palmadas* discute a prática comum de punir crianças com palmadas e o impacto que essa forma de violência tem em seu desenvolvimento físico e emocional. As palmadas contra as crianças e adolescentes no ambiente familiar é uma ação

comum em nossa sociedade. Nóbrega e Souza (2022) relatam que

Sabemos que em nossa sociedade é extremamente comum a prática da palmada como disciplina familiar contra crianças e adolescentes, visto como forma de punir e corrigir afim de educar o indivíduo para que este cresça e se desenvolva moralmente como um bom cidadão, reconhecendo seus limites e suas obrigações. Entretanto, tal prática da disciplina física traz reflexões que não estão presentes no lar da maioria em sociedade, tais como sobre seu uso, origens e consequências. (NÓBREGA; SOUZA, 2022, p. 7).

Nesse sentido, a realidade das palmadas deve ser vista em seus impactos no desenvolvimento das crianças. De acordo com os autores Nóbrega e Souza (2022):

Tais problemas que podem ocorrer são distúrbios comportamentais, dificuldades de atenção, de aprendizagem, problemas de memória, dificuldades psicopatológicas, depressão, ansiedade, TEPT, dificuldades de manter o controle emocional, bem como a exposição a longo prazo a danos físicos abuso pode levar a déficits motores, cognitivos, desenvolvimento linguístico e socioemocional, falta de sucesso na escola, transtornos comportamentais e de ajustamento, podendo contribuir para uma capacidade reduzida de empatia com os outros, além de uma maior tendência para a agressividade e comportamento de risco, como fugir do lar, mentira e delinquência. (NÓBREGA; SOUZA, 2022, p. 15).

Portanto, para uma educação que vise diminuir os efeitos supracitados, este episódio procura incentivar a reflexão sobre práticas disciplinares mais eficazes e saudáveis. Vale dizer que educar crianças e adolescentes a partir de relações saudáveis é um meio de educá-las a reconhecer situações de violência e que não precisam se associar a elas, aceitando-as.

O episódio inicia com uma visita de Carla, amiga de Helena, em sua casa. Durante a visita, Carla testemunha uma birra de Dandara que recomenda as palmadas. Helena comunica à amiga das consequências da educação por palmadas, alertando-a.

Figura 21: Cena Helena, Carla e Dandara



Fonte: Cena retirada do Canal Futura (2021)

Ressaltam-se algumas das falas:

- Helena diz: Filha, não está vendo que a mamãe tá conversando? Vai brincar lá no quarto, vai.
- Dandara responde: Então, vem me pega. La la la...
- Helena responde: Dandara, eu tô pedindo pra você por favor ir pro quarto.
- Dandara responde: Não! Quero brincar aqui. La la la...
- Helena fala: Tem dias difíceis, viu?
- Carla responde: Mas, nada que uma boa palmada não resolva, né?
- Helena responde: Palmada? Jamais! Isso não só é errado como é crime.
- Carla pergunta: Crime? Mais eu não estou falando de espancar não. É... só dá umas palmadinhas, é diferente.
- Helena responde: Na verdade não é não. Qualquer tipo de violência física, tanto um beliscão, uma chinelada ou uma surra de cinto causa impacto na criança e afeta diretamente no seu desenvolvimento. E, não só a violência física que é perigosa. A violência psicológica, como ameaças, humilhações e gritos também causam efeitos muito prejudiciais.
- Carla diz: Mas, olha eu mesma apanhei quando criança e hoje em dia tô ótima.
- Helena fala: Eu entendo que antigamente as famílias viam a palmada ou os gritos como forma de educar, mas hoje a gente já sabe que a violência só gera mais violência e que a criança não aprende mais ou melhor com ela.
- Carla diz: Faz sentido. Mas, é que nem imagino como disciplinar meus filhos de outra maneira.
- Helena responde: Exato! O importante é não associar educação com autoritarismo. É possível educar e disciplinar sem violência, acolhendo e escutando a criança com empatia, paciência e respeito.
- Carla pergunta: Quer dizer que a palmada não serve pra nada mesmo?
- Helena responde: Pois é! Você conhece a Lei da palmada? Ela inclusive criminaliza o ato. É responsabilidade de todos nós prezar pelo bem-estar da criança e olha caso haja uma suspeita de violência, é nosso dever denunciar em canais como: Conselho tutelar, Delegacia de polícia ou CREAS. E, se for

um ato flagrante, ligar no número 190. (O PERIGO DAS PALMADAS, 2021).

A prevenção à violência sexual, nesse contexto, passa pela educação, conscientização e formação de redes de apoio. É fundamental que os familiares sejam orientados/as a buscar alternativas de disciplina que não se baseiem em agressões físicas ou humilhações. Os efeitos que a violência gera para a criança são lesivos e se uma criança cresce com esta educação violenta, torna-se mais difícil para ela ter alguém de confiança no lar para contar caso sofra algum tipo de violência sexual. Dado isso, a série convida a refletir sobre a necessidade de criar ambientes seguros e acolhedores para que as vítimas de violência possam buscar ajuda. É fundamental conscientizar sobre a necessidade de repudiar a utilização da violência física como meio de instrução, pois isso pode contribuir para a perpetuação de uma cultura de agressividade e naturalização da violência em todas as suas manifestações. Somente através da conscientização e da criação de uma cultura de respeito e empatia, será possível construir uma sociedade onde todas as pessoas se sintam seguras e protegidas. (MATUOKA, 2021)

O episódio também trata da violência psicológica, por esse motivo levantar a discussão sobre uma educação positiva, deve ser posta em diálogo. Pereira (2019) disserta

A cultura agressiva de opressão, condenação, medo em resolução de conflitos, nos ensinam que podemos atacar quando a raiva explode. Isso acaba transformando as crianças em adultos que não sabem as consequências de suas atitudes, influenciando também na crença de que está tudo bem relacionamentos tóxicos, o que leva à violência doméstica, suicídio, *bullying*, assédio moral, Relacionamentos abusivos, Baleia Azul, etc. (PEREIRA, 2019, p. 7).

A educação positiva tem seu caráter em oposição a toda violência, visando retirar qualquer tipo de violência da educação das crianças. A educação positiva, apesar de não dita em palavras, é revelada nos comportamentos de Helena, Aquiles e alguns dos adultos que aparecem na série. Seus traços são explícitos no respeito mútuo e na comunicação efetiva entre pais, professores/as e as crianças. Como também, no anseio em promover o desenvolvimento saudável, emocional e intelectual das crianças, com ênfase na promoção de comportamentos positivos em vez de punições, enfatizando a construção de relacionamentos saudáveis, o estabelecimento de limites claros e consistentes, e a promoção da autonomia e responsabilidade das crianças (MARKETING, 2023). Pereira (2019, p. 7) aborda “por meio

de uma educação positiva que alcançamos melhorias cognitivas como desempenho acadêmico, conexão com as pessoas e fortalecimento do vínculo entre as crianças e outros membros da família.” Dessa forma, pensando no respeito, dignidade e fortalecendo os vínculos das crianças e adolescentes com sua rede de apoio que elas terão a chance de crescer sabendo reconhecer comportamentos violentos e que não merecem. E, assim, se for o caso, buscar ajuda.

### **Terceira temporada- Episódio 5: Uma aldeia para criar uma criança**

O episódio *Uma aldeia para criar uma criança* retrata a descoberta do corpo e dos ensinamentos sobre a intimidade, proteção, cuidado e prevenção às violências sexuais. No episódio ocorre o incentivo à criação de uma cultura de cuidado e proteção, envolvendo toda a comunidade no cuidado e preservação da integridade física e emocional das crianças.

Após Ariel ficar com febre na escola, a professora entra em contato com Helena que prontamente vai até a escola buscar o filho e aproveita para buscar Dandara. Em casa, Helena e Aquiles optam por chamar o médico da família e após uma dúvida de Thainá sobre um amigo de a escola estar agindo estranhamente, o médico orienta as crianças a buscarem sempre por um adulto de confiança em casos que não se sintam seguros ou percebam que outras crianças e adolescentes também precisam de ajuda.

Figura 22: Cena em casa com médico, Ariel, Dandara, Thainá, Helena e Aquiles



Fonte: Cena retirada do Canal Futura (2021)

Acentuam-se algumas falas:

- Helena diz: Oi doutor, muito obrigado por ter vindo tão rápido assim.
- Dandara e Tainá gritam juntas: Tio Marco!
- Marco diz: E aí meninas? Como você estão?
- Dandara diz: Bem, hoje é o Ariel que tá dodói.
- Helena fala: É me ligaram da escola avisando que o Ariel estava febril e eu fui pegá-lo imediatamente. Pode até não ser nada grave, mas eu achei melhor te chamar.
- Marco responde: E fez bem. Vamos ver. Com licença amigão, vou só ver se está tudo bem com você, tá? Pelo visto é só uma febre isolada, provavelmente um sintoma relacionado a vacina que ele tomou ontem.
- Aquiles fala: Ah!
- Helena responde: Ufa!
- Aquiles diz: Menos mal.
- Marco pergunta: E você meninas? Novidades?
- Thainá fala: Na verdade tem uma coisa rolando que eu não sei bem como resolver. Tem um menino lá na escola que a gente acha que tem algum problema. A gente já achava estranho que mesmo nos dias de muito calor ele ia de manga comprida, só que ontem a gente viu que ele tem um monte de roxo no braço. Sei lá! É estranho, não é?
- Marco responde: Isso é preocupante. Mas, você fez o certo. Quando houver qualquer suspeita de violência, vocês crianças devem sempre comunicar para um adulto de confiança e ele deve informar um dos canais de denúncia, como: Conselho tutelar, delegacias, Cras ou Creas, ou até mesmo pelo disque 100 sobre o caso. Fica tranquila, a gente vai dá um jeito nisso.
- Thainá responde: Ufa!
- Helena diz: Nossa! Muito obrigada doutor.

Como discorrido em vários episódios anteriores, incentivo à comunicação e à confiança por parte das crianças e adolescentes é uma temática presente na série. Thainá enxergou no médico segurança para isso, como já abordado, para que as crianças se sintam à vontade para compartilhar suas experiências e inquietações é necessário um ambiente seguro em que as crianças se sintam protegidas e amparadas, confiando que serão ouvidas e respeitadas. Esse ambiente pode ser construído dentro de casa, na escola e nas diferentes instituições que as crianças façam parte. É importante que os adultos criem espaços acolhedores e sem julgamentos, onde as crianças se sintam seguras para falar sobre qualquer assunto, inclusive violência sexual. Dessa forma, elas se sentirão mais encorajadas a relatar violências e buscar ajuda quando necessário. Essa comunicação aberta é primordial para identificar casos de violência e interrompê-los. Todavia, perpetuar o silêncio, opressão, não colabora para a prevenção às violências sexuais. Piana e Bezerra (2019) argumentam que

No complô do silêncio, tudo o que acontece dentro do lar é envolvido num

pacto de silêncio familiar; o abuso é mantido em segredo e, algumas vezes, encoberto por outros membros da família, em que o abusador, por deter o poder moral e econômico, faz com que o fato seja mantido em segredo. A prática do abuso pode durar e se repetir por meses ou até anos, ficando, muitas vezes, na impunidade. (PIANA; BEZERRA, 2019, p. 205).

Ou seja, existe um silêncio além da educação para a sexualidade e o silêncio ordenado pelo violentador que pode estar dentro do ambiente familiar. No episódio, discute-se sobre a necessidade de quebrar o silêncio, encontrando um adulto de confiança, não necessariamente dentro do seu próprio lar. O importante, como exposto pela série, é que a criança e o adolescente tenham segurança para quebrarem esse silêncio.

Além disso, como já foi exposto, uma educação positiva é outro fator fundamental para incentivar a comunicação e a confiança. Uma educação positiva envolve o ensino de valores como respeito, empatia e igualdade de gênero. Ao criar uma base sólida nesses princípios, as crianças serão capazes de compreender e reconhecer situações abusivas, buscando ajuda de forma assertiva. A educação também deve abordar o tema da violência sexual de maneira apropriada à idade das crianças, garantindo que elas entendam o conceito sem que se sintam amedrontadas ou confusas. É importante ensiná-las sobre o direito ao corpo, a diferença entre toques apropriados e inadequados, bem como sobre os limites pessoais. Dessa forma, as crianças estarão mais capacitadas para identificar e reagir de maneira adequada em situações de violência. Ao garantir que elas se sintam amparadas, respeitadas e empoderadas para falar sobre suas experiências, estaremos mais próximos de combater esse crime hediondo e proteger os mais vulneráveis em nossa sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou minha trajetória de pesquisa, em que busquei destacar e analisar as pedagogias culturais dos vídeos da série 'Que corpo é esse', do Canal Futura, como forma de prevenção e combate às violências sexuais contra crianças. Como dito, para chegar ao tema desta monografia foi necessário romper o medo de externar um assunto tão silenciado. Todavia, o desejo em auxiliar na prevenção, proporcionar conhecimento, a fim de contribuir na luta contra a violência sexual infantil, ganhou mais espaço do que o silenciamento, visto que o silenciar não colabora para essa luta que é uma realidade na vida de crianças e adolescentes.

Em vista disso, o campo dos artefatos culturais foi relevante neste estudo, visto como são importantes na sociedade, educando-a e influenciando ações e veiculando discursos que educam sujeitos. No início, a questão introdutória foi: "Quais as pedagogias circulam nos artefatos culturais que podem educar e/ou auxiliar na prevenção às violências sexuais?", a qual foi discutida com as análises sobre o artefato educativo. Foi no decorrer da seção que foram expostas as pedagogias presentes na série e as suas possíveis influências nos sujeitos.

A série 'Que corpo é esse', é um artefato que produz pedagogias de respeito mútuo, favorecendo a problematização de ações de desrespeito, violências e também elucidando as ações de respeito, diálogo e conhecimento/valorização dos corpos. Como um artefato, a forma como foi produzido e disponibilizado está próximo do público. Nesse sentido, os episódios trouxeram pedagogias que auxiliam os/as professores/as em suas práticas pedagógicas, familiares e/ou redes de apoio em suas mediações. A partir da série, crianças e adolescentes aprendem a reconhecer os sinais de violência, tais como quando buscar ajuda, que carinhos podem e não podem acontecer, reconhecer atitudes de desrespeito etc., de modo que terão uma chance de proteger-se contra a violência sexual.

Concluimos que a série "Que corpo é esse?" do canal Futura faz circular pedagogias que colaboram com o combate às violências sexuais na infância ao explorar temas essenciais, com linguagem e ambiente familiar. A série se posiciona como uma importante ferramenta de educação e reflexão sobre a importância do cuidado e respeito ao corpo e à integridade pessoal. Assim sendo, a série desempenha um papel fundamental na abordagem dessas questões promovendo o diálogo, a informação e a conscientização entre seu público-alvo. Vale destacar que esse público não só crianças, adolescentes e jovens podem assistir à série e

também adultos, a fim de se conscientizar e quebrar seus próprios tabus.

## REFERÊNCIAS

- ACCORSI, Fernanda Amorim; BALISCEI, João Paulo; TAKARA, Samilo. Pedagogias Culturais: peixe vivo, água fria e a sua companhia. In: ACCORSI, Fernanda Amorim; BALISCEI, João Paulo; TAKARA, Samilo. (org.). **Como pode uma pedagogia viver fora da escola?** : Estudos sobre pedagogias culturais. Londrina: Syntagma Editores, 2021. p. 14-22. Disponível em: < [https://www.academia.edu/44890925/Ebook\\_Estudos\\_Sobre\\_Pedagogias\\_Culturais](https://www.academia.edu/44890925/Ebook_Estudos_Sobre_Pedagogias_Culturais) >. Acesso em: 23 nov. 2023.
- ANDRADE, Paula Deporte de. Artefatos culturais midiáticos e pedagogias culturais: uma análise para explorar as qualidades pedagógicas da vida contemporânea. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. Anais eletrônicos [...]. São Luís, MA: UFMA, 2017. Disponível em: < [http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT16\\_248.pdf](http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT16_248.pdf) >. Acesso em: 10 out. 2022.
- ÁVILA, Dárcia Amaro. #Estupro não é culpa da vítima: Notas sobre a violência de gênero e a cultura do estupro. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Debates contemporâneos sobre Educação para Sexualidade**. Rio Grande: Furg, 2017. p. 103-118. Disponível em: < [https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=%C3%81vila+%282017%2C+p.107%29+destaca%3A+%E2%80%9CMuitas+vezes%2C+esses+atos+evidenciam+uma+m+asculinidade+que+para+se+sustentar+precisa+subjugar%2C+oprimir+e+violentar+as+feminilidades.%E2%80%9D&btnG=](https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=%C3%81vila+%282017%2C+p.107%29+destaca%3A+%E2%80%9CMuitas+vezes%2C+esses+atos+evidenciam+uma+m+asculinidade+que+para+se+sustentar+precisa+subjugar%2C+oprimir+e+violentar+as+feminilidades.%E2%80%9D&btnG=) >. Acesso em: 23 nov. 2023.
- BRASIL. Abuso sexual contra crianças e adolescentes - Abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional. Disponível em: < [http://www.mpggo.mp.br/portal/arquivos/2021/04/30/16\\_54\\_18\\_359\\_Cartilha\\_Maio\\_Laranja\\_2021.pdf](http://www.mpggo.mp.br/portal/arquivos/2021/04/30/16_54_18_359_Cartilha_Maio_Laranja_2021.pdf) >. Acesso em: 15 dez. 2022.
- BRASIL, Childhood. **Que Corpo É Esse?**. Youtube, 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/playlist?list=PL6ezBjfEAXFlpfWmbUPj8DaELL-GmhVPO> >. Acesso em: 26 fev. 2023.
- BRASIL. Lei nº 11.829, de 25 de novembro de 2008. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF, 2008. Disponível em: < [Lei nº 11.829 de 25/11/2008 - Federal - LegisWeb](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2008/leis/l11829.htm) >. Acesso em: 26. jun.2023.
- BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. ano 1990, Disponível em: < <https://cutt.ly/yECVBmB> >. Acesso em: 15 dez. 2022.
- BARRETTO, Raquel Silva. RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA DISCUSSÃO DOS ENTRAVES AO PONTO FINA. **Revista Gênero**, v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <

[https://www.researchgate.net/publication/343534146\\_RELACIONAMENTOS\\_ABUSIVOS\\_UMA\\_DISCUSSAO\\_DOS\\_ENTRAVES\\_AO\\_PONTO\\_FINAL](https://www.researchgate.net/publication/343534146_RELACIONAMENTOS_ABUSIVOS_UMA_DISCUSSAO_DOS_ENTRAVES_AO_PONTO_FINAL) > Acesso em: 27 out. 2023.

BEZERRA, Mayara Simon; PIANA, Maria Cristina. 18 DE MAIO É TODO DIA: A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇA E ADOLESCENTE NO BRASIL. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019**. 2019. Disponível em: < <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1255> >. Acesso em: 13 fev. 2023.

CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. Relações de gênero. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, p. 142-150, 1998. Disponível em: < [http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes\\_Genero.pdf](http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes_Genero.pdf) >. Acesso em: 26 jan. 2023.

CASTRO, Roney Polato ; FERRARI, Anderson. Educação, experiências religiosas, gêneros: algumas problematizações. In: MAGALHAES, Joanalira. C. ; RIBEIRO, Paula. R. C. **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Furg, 2017. p. 71-83. Disponível em: < [https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7097/debates\\_contemporaneos\\_educacao\\_sexualidade.pdf](https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7097/debates_contemporaneos_educacao_sexualidade.pdf) >. Acesso em: 26 jan. 2023.

CATALDO, Ilaria et al. From the cradle to the web: The growth of “sharenting”—A scientometric perspective. **Human Behavior and Emerging Technologies**, v. 2022, 2022. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/359818383\\_From\\_the\\_Cradle\\_to\\_the\\_Web\\_The\\_Growth\\_of\\_Sharenting-A\\_Scientometric\\_Perspective](https://www.researchgate.net/publication/359818383_From_the_Cradle_to_the_Web_The_Growth_of_Sharenting-A_Scientometric_Perspective) >. Acesso em: 29 out. 2023.

CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil – TIC Kids Online Brasil 2021. Disponível em: < <https://cetic.br/pt/tics/kidsonline/2021/criancas/> >. Acesso em: 29 out. 2023.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. **Perspectiva**, v. 33, n. 2, p. 843-862, 2015. Disponível em: < [https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=COSTA%2C+Marisa+Vorraber%3B+ANDRADE%2C+Paula+Deporte+de.+Na+produtiva+conflu%3%AAncia+entre+educa%3%A7%C3%A3o+e+comunica%3%A7%C3%A3o%2C+as+pedagogias+culturais+contempor%3%A2neas.+Perspectiva%2C+v.+33%2C+n.+2%2C+p.+843-862%2C+2015&btnG=>](https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=COSTA%2C+Marisa+Vorraber%3B+ANDRADE%2C+Paula+Deporte+de.+Na+produtiva+conflu%3%AAncia+entre+educa%3%A7%C3%A3o+e+comunica%3%A7%C3%A3o%2C+as+pedagogias+culturais+contempor%3%A2neas.+Perspectiva%2C+v.+33%2C+n.+2%2C+p.+843-862%2C+2015&btnG=>) >. Acesso em: 26 jan. 2023.

CRONEMBERGER, Lorena Ferreira. Meu corpo, minhas regras!?: Michel Foucault, corpo da mulher e feminismo. **Praça: Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 3, n. 1, p. 23-37, 2019. Disponível em: < [https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=%E2%80%9CMeu+corpo%2C+minha+regras%E2%80%9D%2C+frase+que+estampou+%E2%80%93+e+ainda+estampa](https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=%E2%80%9CMeu+corpo%2C+minha+regras%E2%80%9D%2C+frase+que+estampou+%E2%80%93+e+ainda+estampa) >

[+%E2%80%93diversas+marchas+e+manifesta%C3%A7%C3%B5es+feministas%2C+carrega+uma+cr%C3%ADtica+%C3%A0s+rela%C3%A7%C3%B5es+de+poder+direcionadas+ao+corpo+da+mulher.+Um+corpo+que%2C+historicamente%2C+esteve+no+foco+de+pr%C3%A1ticas+e+discursos+disciplinares+e+normalizadores.+%28CRONEMBERGER%2C+2019%2C+p.+23%29&btnG=>](#). Acesso em: 23 nov. 2023.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? **Cadernos Pagu**, p. 201-223, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/zZSN3sYGnVJH6rB6Wwws5Qd/?lang=pt>> Acesso em: 22 dez. 2022.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 1, 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/management/settings/context/index.php/educacaoerealidade/article/view/48688>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, p. 139-144, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/dPY6Ztc8bphq9hzdhSKv46x/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 2 fev. 2023.

FRANÇA JÚNIOR, Francisco França et al. O abuso sexual contra crianças e adolescentes no ambiente virtual: o caso do abuso de avatar e os riscos na expansão do metaverso. **Relações Internacionais no Mundo Atual**, v. 4, n. 42, p. 102-129, 2023. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/download/e-5953/371374555>>. Acesso em: 24 Out. 2023.

FREITAS, Mary Luisa de; FARINELLI, Clairna Andresa. As consequências psicossociais da violência sexual. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 14, n. 37, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/25400>>. Acesso em: 2 fev. 2023.

FUTURA, Canal. Crescer sem violência: Que corpo é esse?. **Futura**, [2018?]. Disponível em: <<https://www.futura.org.br/projetos/crescersemviolencia/>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GRANCHI, Giulia. Estrupo virtual: como promotor do RS conseguiu primeira condenação por estupro virtual no Brasil. BBC News Brasil. Edição 4 de Abril de 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyxpw613pd4o>>. Acesso em: 31 out. 2023.

HAMADA, Fernando Massami; SANCHEZ, Cláudio José Palma. Abuso sexual infantil: Normatização, internet e pedofilia. **ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498**, v. 3, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1479>> Acesso em: 30 out. 2023.

JUJU, Leandro. A busca incessante pela FAMA! O que os influenciadores tem feito com a nova geração?. **Jornal Somos**. Rio Verde, 16 dez. 2021. Disponível em: <

<https://jornalsomos.com.br/mundo/detalhe/a-busca-incessante-pela-fama-o-que-os-influenciadores-tem-feito-com-a-nova-geracao> > Acesso em: 31 out. 2023.

KOZINETS, R. On Netnography: Inicial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture. Net. (1997). Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/237131093\\_On\\_Netography\\_Initial\\_Reflections\\_of\\_Consumer\\_Research\\_Investigations\\_of\\_Cyberculture](https://www.researchgate.net/publication/237131093_On_Netography_Initial_Reflections_of_Consumer_Research_Investigations_of_Cyberculture) > Acesso em: 01 nov. 2023.

KOZINETS, R. The Field Behind the Screen: Using Netnography For Marketing Research in Online Communities. Net. (2002). Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/235360688\\_The\\_Field\\_Behind\\_the\\_Screen\\_Using\\_Netnography\\_for\\_Marketing\\_Research\\_in\\_Online\\_Communities](https://www.researchgate.net/publication/235360688_The_Field_Behind_the_Screen_Using_Netnography_for_Marketing_Research_in_Online_Communities) > . Acesso em: 01 out. 2023.

LEMOS, Ana Rute Loureiro de. O processo de aliciamento sexual de menores na internet: diferentes perspectivas. 2019. Disponível em: < <https://hdl.handle.net/10216/123906> > . Acesso em: 30 out. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997. Disponível em: < [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746708/mod\\_resource/content/4/G%C3%AAnero%2C%20Sexualidade%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20uma%20perspectiva%20p%C3%B3s-estruturalista%20-%20Guacira%20Louro.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746708/mod_resource/content/4/G%C3%AAnero%2C%20Sexualidade%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20uma%20perspectiva%20p%C3%B3s-estruturalista%20-%20Guacira%20Louro.pdf) > . Acesso em: 23 nov. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, p. 17-23, 2008. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/abstract/?lang=pt> > . Acesso em: 12 dez. 2022.

MARKETING. O que é a disciplina positiva e quais são seus pilares?. **Educador do futuro**. [S. I.], Edição 19, abr. 2023. Disponível em: < <https://educadordofuturo.com.br/educacao/disciplina-positiva/> > . Acesso em: 22 nov. 2023.

MATUOKA, Ingrid. Educar sem bater: como enfrentar a banalização da violência como forma de se relacionar. Educação Integral. Edição de 24 de fevereiro de 2022. Disponível em: < <https://educacaointegral.org.br/reportagens/educar-sem-bater-como-enfrentar-banalizacao-da-violencia-como-forma-de-se-relacionar/> > . Acesso em: 22 nov. 2023.

MAYARA, Jéssica. Você sabe com quem seus filhos falam na internet? Entenda os riscos. **Estado de Minas**. [S. I.], Edição 28, agos, 2020. Disponível em: < [https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2020/08/25/interna\\_bem\\_viver.1179280/voce-sabe-com-quem-seus-filhos-falam-na-internet-entenda-os-riscos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2020/08/25/interna_bem_viver.1179280/voce-sabe-com-quem-seus-filhos-falam-na-internet-entenda-os-riscos.shtml) > Acesso em: 24 Out. 2023.

MEDEIROS, Raquel. Meu corpo, minhas regras: Corpo, linguagem e gênero no movimento ‘marcha das vadias’. **Encontro regional de história da anpuh-rio: Saberes e práticas científicas**, v. 16, 2014. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/9865311/\\_Meu\\_corpo\\_minhas\\_regras\\_corpo\\_linguagem\\_e\\_g%C3%AAnero\\_no\\_movimento\\_Marcha\\_das\\_Vadias\\_](https://www.academia.edu/9865311/_Meu_corpo_minhas_regras_corpo_linguagem_e_g%C3%AAnero_no_movimento_Marcha_das_Vadias_)> Acesso em: 25 out. 2023.

MENSAL, CATÁLOGO. Sexualidade. 2014. Disponível em:  
<<https://afroreggae.org/wp-content/uploads/2014/05/cultura-de-ponta-sexualidade.pdf>>.  
Acesso em: 22 nov. 2023.

MESSIAS, Tamyres Laysla; AMORIM, Malú Flávia Porto. Relações afetivas e mulheres negras: objeto sexual ou solidão. **Revista Espirales**, v. 2, n. 4, p. 12-35, 2019. Disponível em:  
< <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/1634/1722> > Acesso em: 31 de out. 2023.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. Exposição de crianças e adolescentes na internet ocupa quinta posição no ranking de denúncias do Disque 100. Disponível em:  
<<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/novembro/exposicao-de-criancas-e-adolescentes-na-internet-ocupa-quinta-posicao-no-ranking-de-denuncias-do-disque-100>>.  
Acesso em: 24 out. 2023.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 725-748, 2017. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/?lang=pt> >.  
Acesso em: 23 de nov. 2023.

NÓBREGA, Jonathas Oliveira de; SOUZA, Narla Luiza Corrêa de. Violência doméstica infantil: uma análise sobre a cultura da palmada. 2022. Disponível em: < <https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/12413f9d-c5c5-4c83-a92d-6d8ec519cec1/content>> Acesso em : 31 out. 2023.

OLIVEIRA FALCONIER, J. E. Estupro de Vulnerável: Estudo direcionado aos abusos sexuais intrafamiliar. Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste, [S. l.], v. 4, p. e21189, 2019. Disponível em: < <https://periodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/21189> >. Acesso em: 21 out. 2023.

OLIVEIRA, Larayne Gallo Farias; SANTOS, Alana Paula Souza. “MEU CORPO, MINHAS REGRAS”. **Focando a Extensão**, v. 7, n. 9, p. 69-80, 2020. Disponível em: < <https://periodicos.uesc.br/index.php/extensao/article/view/2661> >. Acesso em: 25 out. 2023.

OLIVEIRA, Márcio de; SILVA, Fernando Guimarães Oliveira da; MAIO, Eliane Rose. Violência sexual contra crianças e adolescentes: a escola como canal de proteção e denúncia. **Perspectiva**, [S. l.], v. 38, n. 4, p. 1–23, 2020. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/65526>> . Acesso em: 23 nov. 2023.

PELÚCIO, Larissa. Desfazendo o gênero. In: JÚNIOR, Jorge Leite; MISKOLCI, Richard. **Diferenças na Educação: Outros aprendizados**. São Paulo: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2014. p . 101-151.

PEREIRA, Rafaella B. Educação positiva. 2022. Disponível em: <  
<https://dspace.uniube.br/jspui/bitstream/123456789/2028/1/RAFAELLA%20BERNARDES%20PEREIRA.pdf>> Acesso em: 31 out. 2023.

PIANA, Maria Cristina; BEZERRA, Mayara Simon. Marcas na infância: o poder do adulto sobre a criança e a violência sexual. **Libertas**, v. 19, n. 1, 2019. Disponível em: <  
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/27782>> . Acesso em: 2 fev. 2023.

PRESTES, Liliane Madruga; FELIPE, Jane. Entre smartphones e tablets: pedofilia, pedofilização e erotização infantil na internet. **PESQUISA EM FOCO**, v. 20, n. 2, 2015. Disponível em : <  
[https://www.ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA\\_EM\\_FOCO/article/view/1009](https://www.ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/1009)> . Acesso em: 23 dez. 2022.

SANTOS, Amanda; SANCHOTENE, Nicole; VAZ, Paulo. A INVENÇÃO DO RELACIONAMENTO ABUSIVO: Sofrimento e sentido nas relações amorosas ontem e hoje. **LÍBERO**, n. 44, p. 122-135, 2019. Disponível em:<  
[https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=A+INVEN%C3%87%C3%83O+DO+RELACIONAMENTO++ABUSIVO%3A+SOFRIMENTO+E+SENTIDO+NAS++RELA%C3%87%C3%95ES+AMOROSAS+ONTEM+E+HOJE&btnG=#d=gs\\_cit&t=1698433519893&u=%2Fscholar%3Fq%3Dinfo%3APFsfimhJTP0J%3Ascholar.google.com%2F%26output%3Dcite%26scirp%3D0%26hl%3Dpt-BR](https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=A+INVEN%C3%87%C3%83O+DO+RELACIONAMENTO++ABUSIVO%3A+SOFRIMENTO+E+SENTIDO+NAS++RELA%C3%87%C3%95ES+AMOROSAS+ONTEM+E+HOJE&btnG=#d=gs_cit&t=1698433519893&u=%2Fscholar%3Fq%3Dinfo%3APFsfimhJTP0J%3Ascholar.google.com%2F%26output%3Dcite%26scirp%3D0%26hl%3Dpt-BR)> . Acesso: 27 out. 2023.

SANTOS, Michele Priscila Gonçalves dos. **“Dá um like e se inscreve no canal!”**: problematizando discursos de gêneros e sexualidades em vídeos do youtuber Felipe Neto. 2021. Tese (mestrado acadêmico) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

SILVA, Raimundo José Pereira da; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. Corpo infantil, artefatos culturais e o processo de pedofilização social. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 5, n. 3, p. 612-627, 2019. Disponível em: <  
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/45792>> . Acesso em: 23 dez. 2022.

SILVA, Suelen de Aguiar. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. 2015. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/j/interc/a/bbtrxdV3v8bwyFwsMxKGvvg/?lang=pt>> Acesso em: 01 nov. 2023.

SOMMER, Luís Henrique; WAGNER, Irmo. Mídia e Pedagogias Culturais. 2019. Disponível em: <  
<https://pt.scribd.com/document/478512417/Midias-e-Pedagogias-Culturais>> . Acesso em: 22 dez. 2022.

TAUBMAN, Andrea Viviana. **Não me toca, seu boboca!**. Aletria Editora, 2020.

ZEIFERT, Anna Paula Bagetti; PAPLOWSKI, Schirley Kamile. “Eu sou grande, você é pequena”: o direito da criança ao respeito e os fundamentos jurídicos para sua concretização no Brasil. **Libertas**, v. 23, n. 1, p. 141-164, 2023. Disponível em: <  
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/40726/25987>> . Acesso em: 30 out.

2023.

## VÍDEOS

ALICIAMENTO de crianças e autoproteção. 30 nov. 2021. (3:20). Publicado pelo Canal Futura. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Q5Xajhi8YPI>> . Acesso em: 14 nov. 2023.

AMORES e relações abusivas. 13 ago. 2018. (3:16). Publicado pelo canal Childhood Brasil. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RpqwzWFIdLs&list=PL6ezBjfEAXFlpfWmbUPj8DaELL-GmhVPO&index=11>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

BRASIL, Childhood. **Que Corpo é esse? 2ª temporada**. Youtube, 2018. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=KE4pL6vulg4&list=PL6ezBjfEAXFlpfWmbUPj8DaELL-GmhVPO&index=12&pp=iAQB>>. Acesso em: 26 fev. 2023.

EU TENHO um corpo. 13 ago. 2018. ( 3:13). Publicado pelo canal Childhood Brasil. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9Yxf6yahjMU&list=PL6ezBjfEAXFlpfWmbUPj8DaELL-GmhVPO>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

EU VOU PEGAR, você e tãe. Intérprete: Mariano; Munhoz. *In*: Campo grande- Volume II. Intérprete: Mariano; Munhoz. Youtube,2016. (2:59).Acesso em: 25 out. 2023. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=Dk9OqfyT\\_pw](https://www.youtube.com/watch?v=Dk9OqfyT_pw)> . Acesso em: 25 out. 2023.

FUTURA, Canal. **Que corpo é esse? 2ª temporada**. Youtube, 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/playlist?list=PLNM2T4DNzmq5kfWUeTFvLopdXrUeLhME7>> . Acesso em: 26 fev. 2023.

FUTURA, Canal. **Que corpo é esse? 3ª temporada**. Youtube, 2022. Disponível em: < <https://www.youtube.com/playlist?list=PLNM2T4DNzmq5kfWUeTFvLopdXrUeLhME7>> . Acesso em: 26 fev. 2023.

INTERNET e Mídia. 13 ago. 2018. (3:16). Publicado pelo canal Childhood Brasil. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=SDb-s5hhHVA&list=PL6ezBjfEAXFlpfWmbUPj8DaELL-GmhVPO&index=7>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

MEU CORPO, minhas regras. 13 ago. 2018. (3:17). Publicado pelo canal Childhood Brasil. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=SMt8kDbta0c&list=PL6ezBjfEAXFlpfWmbUPj8DaELL-GmhVPO&index=9>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

O DIREITO de dizer não. 13 ago. 2018. (3:16). Publicado pelo canal Childhood Brasil.

Disponível em: <

<https://www.youtube.com/watch?v=WPPnadaLX6g&list=PL6ezBjfEAXFlpfWmbUPj8DaELL-GmhVPO&index=4>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

O PERIGO das palmadas. 19 jul. 2022. (3:15). Publicado pelo Canal Futura. Disponível em:

<

[https://www.youtube.com/watch?v=YUAYT-03MoA&list=PLNM2T4DNzmq4j-7s8\\_XU\\_aA\\_Pk7fnHPCx&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=YUAYT-03MoA&list=PLNM2T4DNzmq4j-7s8_XU_aA_Pk7fnHPCx&index=5)>. Acesso em: 14 nov. 2023.

PRIVADO e público. 13 ago. 2018. (3:16). Publicado pelo canal Childhood Brasil.

Disponível em: <

<https://www.youtube.com/watch?v=cjweX5MIIdIE&list=PL6ezBjfEAXFlpfWmbUPj8DaELL-GmhVPO&index=2>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SHARENTING. 23 jan. 2021. (3:20). Publicado pelo Canal Futura. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=fMOfVxWSPeQ>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

UMA ALDEIA para criar uma criança. 20 jul. 2022. (3:15). Publicado pelo Canal Futura.

Disponível em: <

[https://www.youtube.com/watch?v=twdcAttsphM&list=PLNM2T4DNzmq4j-7s8\\_XU\\_aA\\_Pk7fnHPCx&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=twdcAttsphM&list=PLNM2T4DNzmq4j-7s8_XU_aA_Pk7fnHPCx&index=4)>. Acesso em: 14 nov. 2023.

VAI, faz a fila. Intérprete: Mc Denny. Compositor: DJ Lindão. *In*: Faz a fila. Intérprete: Mc Denny. Youtube, 2018.(4:45). Disponível em: <

<https://www.youtube.com/watch?v=1uptTnuszs> > Acesso em: 25 out. 2023.